

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia de Produção

**PARADOXOS E ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO USO  
DO COMPUTADOR PELOS PROFESSORES E ALUNOS  
DO CURSO DE PSICOLOGIA DO UNICENTRO NEWTON  
PAIVA - BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL.**

Sonia Maria Campos Flores Lopes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Mídia e Conhecimento

Florianópolis  
2001

Sonia Maria Campos Flores Lopes

**PARADOXOS E ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO USO  
DO COMPUTADOR PELOS PROFESSORES E ALUNOS  
DO CURSO DE PSICOLOGIA DO UNICENTRO NEWTON  
PAIVA - BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL.**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de **Mestre em Mídia e Conhecimento - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 29 de março de 2001



RICARDO DE MIRANDA BARCIA, Ph.D  
Coordenador do Curso

**BANCA EXAMINADORA**



Professora VANIA RIBAS ULBRICHT, Dra.  
Orientadora



Professor ELSON MANOEL PEREIRA, Dr.



Professor GILSON BRAVIANO, Dr.

Às minhas filhas muito amadas, Cynthia, Sylvia e Priscila,  
razão do meu caminhar, sempre em direção a novos e belos  
horizontes.

À minha mãe, que me ensinou que só a evolução incessante  
do afeto encontra o que a razão procura.

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao Unicentro Newton Paiva, pelo apoio institucional e financeiro.**

**À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo excelente curso de  
Mestrado.**

**À Prof<sup>a</sup>. Vania Ribas Ulbricht, por sua competente orientação.**

**À Prof. Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi, por sua  
colaboração na parceria de orientar.**

**Aos professores das disciplinas do Mestrado em Engenharia  
da Produção.**

**Aos alunos e professores, que participaram como sujeitos  
da pesquisa.**

**À minha equipe de pesquisadoras, Keli Cristina Gonçalves, Kelem  
Gontijo, Vivianne Lima Campos Pinto e Renata Maria Dias Andrade,  
colaboradoras eficientes no trabalho de coleta de dados.**

**À Vera Cândida Arcas e Cláudio José da Fonseca Lima,  
colaboradores especiais na formatação desta Dissertação.**

**Aos colegas do curso de Mestrado, pela enriquecedora convivência.**

**À eficácia da Equipe do Izabela Hendrix.**

**A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização  
deste trabalho.**

**"...o que comprova Freud é que há algo no sujeito humano que é fundamentalmente inadaptável. (...) Não podemos mais confiar nos que pensam na adaptação controlada do ser humano."**

**Jacques- Alain Miller**

**"tudo é e não é. Ou: às vezes é, às vezes não é. Todos os meus livros só dizem isso."**

**Guimarães Rosa**

## SUMÁRIO

Lista de Quadros .....	p.viii
Lista de Figuras .....	p.ix
Resumo .....	p.x
Abstract.....	p.xi

## CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO.....	p.1
1.1- Justificativa.....	p.2
1.2 - Importância do tema: interfaces culturais e epistemológicas.....	p.4
1.3 -Tempo, espaço e metamorfoses do hipertexto.....	p.8
1.4 - Hipótese .....	p.11
1.5 - Objetivos.....	p.12
1.6 - Metodologia.....	p.13
1.6.1 - Técnica da Escolha Sucessiva por Blocos e a arquitetura da coleta dos descritores .....	p.15
1.6.2 - Representações Sociais.....	p.19
1.6.3 - O método da Escolha Sucessiva por Blocos e a Identificação da Estrutura Interna da Representação.....	p.22
1.6.4 - Método Projetivo.....	p.24
1.6.5 - Metapsicologia e Projeção.....	p.33
1.7 - Organização e apresentação dos capítulos.....	p.35

## CAPÍTULO 2

NOVAS TECNOLOGIAS E COMPORTAMENTO HUMANO.....	p.38
2.1 - As novas tecnologias e o vir-a-ser do sujeito .....	p.38
2.2 - Tecnopólio.....	p.43
2.3 - Tecnologia e ecologia.....	p.46
2.4 - Globalização.....	p.47
2.5 - Um novo caminho?.....	p.49
2.6 - Razão e Emoção .....	p.50
2.7 - Sofrimento e prazer no teletrabalho .....	p.53
2.8 - Conclusão.....	p.58

## CAPÍTULO 3

O CAMPO E A PESQUISA.....	p.59
3.1 - Justificativa da escolha dos descritores.....	p.61
3.2 - Paradoxos e aspectos psicológicos.....	p.82
3.3 - Conclusão.....	p.91

## CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES.....	p.93
4.1 - Considerações finais .....	p.93
4.2 - Recomendações .....	p.97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	p.99
ANEXO A - Questionário semi-estruturado.....	p.106
ANEXO B - Palavras descritoras .....	p.107

## **Lista de Quadros**

- Quadro 1** - Demonstrativo da metodologia de Escolha Sucessiva por Blocos e do critério de valoração..... p. 17
- Quadro 2** -O campo de estudo da Representação Social.....p. 21
- Quadro 3** - 24 Descritores originados dos questionários semi-diretivos com o grupo de 10 professores.....p. 67
- Quadro 4** - 24 Descritores originados dos questionários semi-diretivos com o grupo de 10 alunos.....p. 68
- Quadro 5** - Descritores comuns aos dois grupos .....p. 68
- Quadro 6** - Demonstrativo da frequência das escolhas efetuadas pelo grupo de alunos ..... p.70
- Quadro 7** - Demonstrativo da frequência das escolhas efetuadas pelo grupo de professores .....p. 72
- Quadro 8** - Descritores que ficaram com valores  $\geq 3$  no grupo de alunos ..... p. 74
- Quadro 9** - Demonstrativo de descritores do grupo de professores  $\geq 3$  .....p.76
- Quadro 10** - Demonstrativo entre os grupos de alunos e professores .....p. 77
- Quadro 11** - Demonstrativo entre grupos de alunos e professores com valores abaixo de 50% .....p. 79
- Quadro 12** - Frases indicativas de sofrimento no uso do computador ..... p.89
- Quadro 13** - Frases indicativas de prazer no uso do computador..... p.90

## Lista de Figuras

**Figura 1 - Gráfico 1 - Valor médio dos descritores - Grupo de alunos ..... p.71**

**Figura 2 - Gráfico 2 - Valor médio dos descritores - Grupo de professores ..... p.73**

**Figura 3 - Gráfico 3 - Média  $\geq 3$  - Grupo de alunos ..... p.75**

**Figura 4 - Gráfico 4 - Média  $\geq 3$  - Grupo de professores ..... p.76**

**Figura 5 - Gráfico 5 - Comparação entre grupos de alunos e professores com escore  $\geq 3$  ..... p.78**

**Figura 6 - Gráfico 6 - Comparação entre grupos de alunos e professores com escore abaixo de 50%..... p.80**



## RESUMO

**LOPES, Sonia Maria Campos Flores. Paradoxos e Aspectos Psicológicos do uso do computador por professores e alunos do curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Belo Horizonte, 2001. 97 folhas. Dissertação (Mestrado em Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.**

Esta pesquisa aborda a questão do uso do computador em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte, o Unicentro Newton Paiva (UNP), e seus desdobramentos no campo das representações sociais, utilizando como fio condutor de análise o cotidiano da atividade docente e discente no curso de Psicologia desta Instituição. As ações de professores e alunos, neste cenário estratégico de produção do conhecimento, foram observadas, porque se considera que o conhecimento, enquanto produto, é afetado pelas condições sociais e psicológicas de um contexto específico. Usando como inspiração os estudos das representações sociais, adotando portanto, uma perspectiva da Psicologia Social, o foco do estudo recaiu na questão: Quais os aspectos psicológicos e os paradoxos que envolvem as práticas destes usuário? Os resultados mostram os efeitos da inclusão do uso do computador no contexto do Curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva. Tais resultados foram obtidos nas contingências verificadas, com base na observação *in loco* do trabalho dos professores e alunos e em suas falas registradas em duas entrevistas formais realizadas durante os três meses de pesquisa de campo. Enfoca a contemporaneidade, as interfaces culturais e epistemológicas, aspectos psicológicos, tecnopólio, representações sociais, razão e emoção, correlatos à tecnologia do uso do computador. Apresenta um parecer analítico sobre o que foi dito nas entrevistas, seguindo a padronização da análise do discurso denominada Escolha Sucessiva por Blocos. As amostras são produzidas por um discurso projetivo e analisadas de forma qualitativa e quantitativa. Seu resultado aponta que o sofrimento e o prazer aparecem, de forma evidente, permeando todas as práticas observadas.

**Palavras chave:** aspectos psicológicos - paradoxos - uso do computador - professores e alunos do Curso de Psicologia do UNP - representações sociais.

**ABSTRACT**

LOPES, Sonia Maria Campos Flores. **Paradoxos e Aspectos Psicológicos do uso do computador por professores e alunos do curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva, Belo Horizonte, Minas Gerais Brasil.** Belo Horizonte, 2001. 97 folhas. Dissertação (Mestrado em Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.

The core of this work is the use of the computer in an institution of higher studies in the course of Psychology the Unicentro Newton Paiva, UNP, from the point of view of its consequences in the field of the social representation. The main line of analysis is drawn along the day-to-day activities of the docent group and its students, in the Psychology Course. It has been observed the way of action of teachers and learners, inside the Unicentro Newton de Paiva institution, and it's strategic scenario for the knowledgement building up, considering they are affected by psychological and social conditions in this specific context. Assuming both anthropologic and social psychologic representation, that the question as how the use of the computer is actually build up in Unicentro Newton Paiva? And how teachers and students are actually doing it? Which are the Which are the psychological aspects and paradoxes emerging out from the use of this computer net, in the Psychology Course? Some of the answers reveal how occurs the inclusion, in the specific context of the Psychology course. It has been made observations on the site, taken some written registers were made in two formal interviews that took place along the three months time used for research field works. The cultural interfaces, epistemology, psychological aspects, "tecnopolio", social representations, reason and emotion, everyone in relation to the use of the computer have been taken under consideration from the point of view of their contemporaneity. The work leads to a conclusion taking as basis what has been heard during the interviews, following the standard of "Escolha sucessiva por blocos". The samples where analyzed in quantity and quality. The results indications are that several paradoxes can be identified in some of the psychological aspects of the use of the computer by social subjects under observation.

**Key words:** Psychological aspects, paradoxes, computer use, teachers and students in the Psychology course, social representations.

## **CAPÍTULO 1**

### **INTRODUÇÃO**

**"Vivemos de modo incorrigível distraídos das coisas mais importantes, [...] A gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas e as coisas não são de verdade!" (Guimarães Rosa, 1979, p.66.).**

Nas páginas que se seguem descreve-se o método e os resultados de uma pesquisa que, apesar de sua simplicidade em muitos aspectos, mostrou-se valiosa. Esta pesquisa aborda a questão do uso do computador por docentes e discentes do curso de Psicologia em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte, o Unicentro Newton Paiva (UNP), e seus desdobramentos no campo das representações sociais. O foco do estudo são os aspectos psicológicos e paradoxos do uso do computador. Convém assinalar de início que o trabalho em sua totalidade possui um caráter eminentemente empírico. As bases teóricas deste trabalho encontram-se na Psicologia Social. A entrevista semi-diretiva, o método projetivo utilizado em alguns testes de psicologia e a Análise Sucessiva por Blocos foram o percurso metodológico.

## **1.1 - Justificativa**

Frente ao desenvolvimento acelerado, que se aproxima do instantâneo, e imediata adoção das tecnologias de informação em todos os setores do cenário mundial, tomam-se urgentes novos olhares para compreender-se os aspectos paradoxais e psicológicos que envolvem os novos fazeres pertinentes às novas tecnologias.

A inovação não é um acontecimento isolado, mas o resultado de um processo complexo, com elevado nível de incertezas. Esse processo sistêmico, é suportado pela aprendizagem e por uma vasta base de conhecimentos abrangendo o mercado, a tecnologia, as organizações e, sobretudo, os sujeitos sociais e seus comportamentos.

Como rede hipertextual, a inovação não tem um centro, possui permanentemente diversos centros, que são como pontas luminosas perpetuamente móveis.

Observa-se que a tensão em torno do uso do computador tem se exacerbado, provocando discordância entre crenças e comportamentos. Essa dissonância cognitiva, tem sido geradora de intenso desconforto e tensão interna contínua.

Na tentativa de capturar a natureza das discontinuidades do desenvolvimento social moderno e os compassos e descompassos no uso do computador, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo. Na pesquisa de campo, foram focalizados professores e alunos do curso de Psicologia da

instituição particular de ensino UNP - Unicentro Newton Paiva, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A inovação tecnológica, que pode ser vista como processo social, no que diz respeito a produtos, processos e formas de organização, é uma extensão de nossas habilidades e alianças psico-sociais e econômicas.

A visão das representações sociais do uso do computador por professores e alunos pode trazer alguns elementos para a compreensão das maneiras pelas quais elas podem estar permeando as práticas e a construção do conhecimento.

Beneficiário da informática, o homem é, amiúde no mesmo movimento, vítima das novas tecnologias imputadas pelo trabalho.

A sucessão de marcos mostra que houveram momentos cruciais na história da humanidade, quando hábitos, modos de pensar, maneiras de agir e reagir a inovações, maneiras sociais, foram rompidos e drasticamente alterados.

O homem aprendeu rapidamente a usar a tecnologia, mas demorou a aprender a usar sua mente. E, depois, em tempos mais atuais, está se desligando, gradualmente, das preocupações puramente espirituais, caminhando em rumos mais tecnológicos.

A personalidade das pessoas influencia a estratégia, a cultura e até mesmo a estrutura das organizações, de tal forma que freqüentemente não se obtém bons resultados, se não for prestada atenção ao mundo intrapsíquico dos sujeitos envolvidos.

Girard (apud, Steil e Barcia, 1999), sintetiza essas reflexões introdutórias:

"A inabilidade de perceber a realidade organizacional e as variáveis envolvidas no processo de mudança configura-se na principal razão pela qual cerca de 50% dos programas-piloto de implantação de tele-trabalho fracassam."

## **1.2 - Importância do tema: interfaces culturais e epistemológicas**

Uma variedade estonteante de termos têm sido utilizada numa tentativa de análise da contemporaneidade. Mais que um estado de coisas precedentes, descreve-se um encerramento: pós-modernidade, sociedade pós-industrial.

Presencia-se o limiar de uma nova era, na qual a tecnologia vai além da própria modernidade? Os aspectos que distinguem as instituições neste início de século, expressam na verdade a emergência do período a que Giddens (1991), chama *alta modernidade*.

Giddens (1991), em sua análise institucional da modernidade, com ênfase cultural e epistemológica, refere-se à modernidade como um estilo, um costume de vida ou organização social, que emergiu na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Sem dúvida, isso associa modernidade a um período de tempo e uma localização geográfica inicial.

Ele também adverte que as características principais da modernidade estão guardadas em segurança, em uma caixa preta. "A condição de "pós-modernidade" é caracterizada por uma evaporação da *grand narrative* - o

enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres, tendo um passado definitivo e um futuro predizível". (Giddens, 1991, p.12).

A pós-modernidade se refere a um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e a fé no progresso humanamente planejado.

Ao descrever o dinamismo da modernidade, Giddens (1991), fala de *desencaixes*, descritos como um deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo e espaço. Mudanças abissais estão vinculadas à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço.

O processo de desencaixe provoca reordenação e ordenação reflexivas das idéias, promovendo as oportunidades necessárias para a comunicação de novas imagens, objetos e conceitos criados pelos avanços da tecnologia.

A circulação do conhecimento social na hermenêutica dupla, provoca o conhecimento reflexivamente aplicado às condições de reprodução do sistema. Altera intrinsecamente as circunstâncias às quais ele originariamente se referia.

A este movimento Giddens chamou de *reflexividade*. Desta forma, a construção do conhecimento se altera e retroalimenta a praxis, numa *autopoiesis*, como cunhou Maturana (1998), para falar desse dinamismo auto-organizável.

As questões que perpassam as representações sociais e as questões da individuação podem também ser compreendidas através dessas perspectivas metafóricas. Ponto e contraponto reunificados autopoieticamente.

"O uso da noção de *reflexividade*, seja como desenvolvido por Scott Lash (1994) ou ainda por Giddens (1991), também abre uma série de possibilidades para o desdobramento da mesma temática. Em suma, o que precisa estar claro é que pretender 'abrir a caixa preta da técnica', implica, necessariamente, em ter de abrir também 'a caixa preta da sociedade'. E este é o desafio de sempre." Benakouche (1998, p.15-22).

A técnica pela qual os homens criaram e transmitiram suas idéias teve uma influência sobre a forma, e até sobre a natureza dessas idéias. O modo de pensar modifica o pensamento.

McLuhan (1977), em "A Galáxia de Gutenberg", mostra como o alfabeto e, depois, a imprensa, modificaram tanto as formas da experiência, como as atitudes mentais.

Antes da escrita alfabética, os homens tomavam conhecimento do mundo que os cercava através do olho, do ouvido e do tato. Disto resultava que a comunicação entre os homens era essencialmente auditiva.

Era o som - a voz do chefe discursando para o seu povo, a voz do poeta contando uma história, a voz dos atores mascarados gritando as frases da tragédia - o único meio de comunicação, assim como entre os primitivos de hoje.

A palavra e o som, tendo um alcance limitado, obrigavam que os homens se agrupassem em tribos e povoados, comportando tantos habitantes quanto se pudesse reunir numa praça pública para lhes falar.

O uso do alfabeto fonético iria destruir esse equilíbrio milenar e transformar completamente a representação de mundo.



Com o alfabeto e a escrita, o homem apreende o mundo, em silêncio e com uma frieza abstrata, sozinho, face a uma folha de papel que veicula idéias, sem sons, através do canal da visão.

De Homero a Santo Agostinho (Santo Agostinho vivia no começo do século V d.C. e Homero mais de 10 séculos antes) e, por conseqüência, até Gutenberg (que inventou a imprensa em 1436), o manuscrito ainda não tinha conseguido retirar da linguagem e das palavras, sua natureza de coisa falada e ouvida. O uso dos manuscritos não impedia que os homens continuassem a perceber o mundo de uma forma ainda mais auditiva que visual.

O livro, primeiro objeto da sociedade de consumo, o primeiro objeto produzido aos milhões de exemplares, foi fabricado em número tão grande que a leitura tornou-se um ato individual, e não mais coletivo, e um fenômeno puramente visual, e não mais auditivo.

O livro destribilizou os homens da Europa, retirando-os do sistema de relação voz-orelha que os ligava, no passado, ao chefe da tribo. O livro fragmentou a tribo num grande número de indivíduos ajudando na formação das nações. Com o livro impresso em sua língua os povos descobrem sua identidade nacional.

A televisão anuncia o fim deste mundo, formado e fracionado pelo alfabeto. A televisão leva o homem de volta ao tempo em que não havia o livro e a escrita alfabética: ela o recoloca na situação sensitivo-auditiva em que ele estava.

Os fatos já não chegam pelo canal abstrato, fragmentado, silencioso e frio da leitura: eles se tornam um espetáculo no qual se participa com todos os sentidos. A voz do chefe ressoa como no tempo da tribo, os mísseis da ONU (Organização das Nações Unidas) explodem na sala de visitas, levando a guerra em cores à intimidade das famílias.

A televisão reabre a época das tribos, que o livro tinha fechado, e fecha a época das nações e dos indivíduos, que o livro tinha aberto. A comunicação via satélite, através da Internet, liga o mundo todo, cada vez mais. "Nosso globo, encolhido pela eletricidade, não é mais que uma aldeia", McLuhan já dizia há 40 anos.

### **1. 3 - Tempo, espaço e metamorfoses do hipertexto**

"A separação entre tempo e espaço e sua formação em diversas dimensões padronizadas, vazias, penetram as conexões entre a atividade social e seus "encaixes" na particularidade dos contextos de presença". (Giddens, 1991, p.28).

A separação tempo-espaço é, pois, condição crucial do processo de desencaixe. *E-mails* podem ser enviados a qualquer hora e de qualquer lugar. Serão lidos no momento mais oportuno e não necessariamente coincidente ao do envio.

A libertação das amarras do tempo e do espaço, utilizadas de forma criativa e econômica, descortina possibilidades inúmeras de crescimento de qualidade e de produtividade.

O computador com a inclusão da internet é uma "ficha simbólica" termo cunhado por Giddens (1991). Porque o computador possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço, porque libera os sujeitos sociais das restrições dos hábitos e das práticas locais.

Vivencia-se o rompimento das barreiras tempo-espaciais, antigos limites de comunicação entre sistemas e pessoas.

O grande capital da contemporaneidade é o conhecimento: "ficha simbólica" que possibilita transações entre agentes amplamente separados no tempo e espaço.

O vocábulo texto, etimologicamente, significa tecer. *Textu* (latim), tecido. O tricô de verbos e nomes, com o qual tenta-se reter o sentido recursivo, assim sendo designado por um termo quase têxtil, não é mera coincidência. Os coletivos também 'cosem', através da linguagem e de todos os sistemas simbólicos de que dispõem, numa tela de sentidos destinada a reuni-los e protegê-los dos estilhaços dispersos. "A construção do senso comum encontra-se exposta e como que materializada na elaboração coletiva de um hipertexto". (Levy, 1993, p.72).

Tecnicamente, pode-se considerar um hipertexto como um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós, são palavras, imagens, seqüências sonoras,

documentos complexos, que podem ser eles mesmos outros hipertextos. É um processo que vai além da comunicação.

A comunicação pode ser então compreendida, não mais de forma linear, mas mosaica e mixada. Ou mesmo como numa fita de Möebius, onde o indivíduo e os grupos se encontrem conservando o singular e o plural, o eu e o nós, sendo capaz de unificar e dinamizar todo o conhecimento fragmentado. Tanto os conhecimentos quanto as representações estariam estruturados como redes hipertextuais de significados. O hipertexto pode ser considerado uma ferramenta e ao mesmo tempo uma metáfora para pensar como se dá a comunicação. Na inovação hipertextual são compartilhados idéias, sentimentos, sonhos, representações, de acordo com a cultura de cada indivíduo. É inegável o potencial revolucionário do uso do computador em termos de construção de conhecimento e de subjetividades. Uma vez que essa rede hipertextual de paradoxos é estabelecida na relação das mídias e na construção do conhecimento, ela não está no espaço, ela é o espaço: o ciberespaço.

*"Com o espaço cibernético, há uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores." (Lévy, 2000, p.13).*

O hipertexto se organiza de forma fractal, ou seja, qualquer nó como conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, provocando multiplicidade de encaixes. Os coletivos compostos por indivíduos, instituições e técnicas não são somente meios ou ambientes para o pensamento, mas sim seus verdadeiros sujeitos.

"A rede hipertextual está em constante construção e renegociação. Trata-se de um sistema dinâmico, em que pelo mecanismo de construção de conhecimento e de construção de representações, a cada instante de tempo, se re-configura toda a rede ou partes dela". (Lévy, 1993, p. 33).

Utilizar a virtualidade como forma de crescimento da produtividade é impositivo. A existência de material técnico-teórico a propósito da implantação e disseminação da virtualidade nas empresas parece não ser muito extensa. Contudo, os professores Andréa V. Steil e Ricardo M. Barcia (1999), em seu artigo *'Um modelo para análise da prontidão organizacional para a implantação do teletrabalho'*, ao discorrerem especificamente sobre o teletrabalho, fornecem caminhos para reflexão a respeito do processo de virtualização das organizações.

Relativizar as formas de pensar, teóricas ou críticas, que perdem terreno hoje, talvez facilite o indispensável "trabalho de elaboração do luto" que permitirá abrir novas formas de comunicar e de conhecer.

"O computador sendo um instrumento, uma ferramenta, não é provavelmente, a causa do que quer que seja. Apenas apresenta, em forte relevo, o que está acontecendo. [...] A força do computador reside no fato de ser uma máquina lógica. Faz exatamente o que está programado para ser feito. Isso o torna rápido e preciso. Também o torna um completo imbecil, porque a lógica é essencialmente estúpida. Faz o simples e o óbvio. Em contraste, o ser humano não é lógico; é perceptivo. Isso significa que é lento e negligente. Mas também é brilhante e tem discernimento." Drucker (1974, p. 170-175).

#### **1.4 - Hipótese**

Tomou-se como ponto de partida as hipóteses de que:

- O conhecimento enquanto produto é afetado pelas condições psicológicas e sociais de um contexto específico.
- A implantação do uso do computador na vida acadêmica equivale à introdução de uma mudança cultural na organização.
- As mudanças culturais provocam mudanças emocionais.

### **1.5 - Objetivos**

Este trabalho tem o objetivo de analisar de forma crítica o uso do computador em uma Instituição de Ensino Superior do curso de Psicologia no Unicentro Newton Paiva em Belo Horizonte, Minas Gerais, com foco em nítidos recortes de aspectos psicológicos e paradoxos que os envolvem, sem pretender, contudo, abordar todas as dimensões que os circundam, ou mesmo analisar outras vertentes do uso do computador por professores e alunos universitários desse curso de Psicologia. Seus resultados poderão trazer compreensões inusitadas.

Pretende-se também, verificar as conseqüências do uso do computador nos comportamentos e emoções de professores e alunos do Curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva, em sala de aula e em suas vidas acadêmicas e pessoais.

Verificar, se o sofrimento e o prazer permeiam as práticas docentes e discentes no uso do computador.

"[...]o que importa é desmistificar a falsa autonomia das técnicas, rejeitar a noção de impacto tecnológico, reconhecer, sobretudo, a trama de relações - culturais, sociais, econômicas, políticas... - que envolve sua produção, difusão e uso.." (Benakouche, 1998, p.15-22).

A pergunta crucial aqui, é: qual é a relevância dos aspectos psicológicos e paradoxos do uso de computadores por alunos e professores do curso de Psicologia, do UNP - Unicentro Newton Paiva?

## **1.6 - Metodologia**

O roteiro utilizado neste trabalho seguiu de perto as orientações apresentadas por Abric (1987,1994) e Guimelli (1994), quanto a coleta e identificação do conteúdo da representação para contextualização do objeto.

Utilizaram-se as técnicas da entrevista semi-diretiva, do método projetivo e da Escolha Sucessiva por Blocos. Com esta última técnica, obtém-se segundo Abric, "uma classificação por ordem de importância do conjunto de itens propostos, a partir do qual se pode calcular a ordem média de cada item em uma dada população". (Abric, 1994, p.73).

A coleta do discurso dos sujeitos da pesquisa, foi realizada através de um questionário semi-estruturado, também denominado de semi-diretivo (anexo A). Este questionário se caracteriza por uma estruturação de perguntas que apesar de serem assertivas quanto ao enfoque, não permitem que as respostas sejam monossilábicas - exemplo: sim, não - ou que sejam tipificadas em categorias padronizadas previamente pelo pesquisador, como por exemplo: muito, pouco médio, ou raramente, às vezes, sempre. As perguntas do questionário ao

contrário, fazem apelo à subjetividade, por deixarem o sujeito livre em seu estilo e conteúdo respondido. Por exemplo, como na pergunta do anexo A: "quais são os sentimentos que lhe ocorrem ao ouvir a palavra computador?" Considera-se em psicologia que as respostas obtidas nestas circunstâncias podem ser consideradas projetivas, uma extensão da interioridade do sujeito. Esta evocação é considerada uma evocação projetiva, porque coloca os sujeitos numa situação em que podem dar livre expressão à sua subjetividade, frente aos estímulos que lhe foram colocados.

"O caráter espontâneo - portanto menos controlado - e a **dimensão projetiva** dessa produção deveriam portanto permitir o acesso, muito mais facilmente e rapidamente do que em uma entrevista, aos elementos que constituem o universo semântico do termo o do objeto estudado, que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas." (Abric, 1994, p.66).

Vergès (1992), pretende, na segunda parte de seu método, dar conta da configuração completa da representação através do agrupamento de praticamente todas as palavras ou expressões evocadas em um sistema consistente de categorias, constituídas precisamente a partir dos resultados precedentes. O autor justifica esse processo de categorização da seguinte maneira:

"Habitualmente o pesquisador introduz, aqui um mito entre seu próprio sistema de categorização e aquele que parece emergir dos dados. Da nossa parte, tentamos ser mais rigorosos tomando como princípio de reagrupamento o da ligação às palavras mais freqüentes. Respeita-se assim o princípio do campo semântico organizador em torno de uma noção prototípica" (Vergès, 1992, pp. 205-206).

Assume-se que qualquer classificação é sempre redutora e deriva da lógica do sujeito que a categoriza.



### **1.6.1 - Técnica das Escolhas Sucessivas por Blocos e a arquitetura de coleta dos descritores.**

Através de refino, por expressividade de similaridade semântica e maior incidência numérica, "classificação por ordem de importância do conjunto de itens propostos" ". (Abric, 1994, p.73), foram então destacadas 24 palavras do grupo de professores, apresentadas no quadro 1, e 24 palavras do grupo de alunos, apresentadas no quadro 2 (p.61). Construiu-se com elas, uma nova lista composta de 20 descritores comuns aos dois grupos, representados no quadro 3 (p.62). As 20 palavras descritoras comuns aos dois grupos, foram transcritas em fichas (anexo B), e apresentadas numa segunda entrevista para cada um dos sujeitos efetuarem escolhas sucessivas, seguindo as recomendações de Abric (1994. p.67). Na segunda entrevista individual com os sujeitos, foram apresentadas as 20 fichas das palavras descritoras, com disposição e ordem aleatórias. Solicitou-se que fossem feitas escolhas sucessivas por blocos (conjuntos) de quatro fichas, com a seguinte sentença: - "Estas são as palavras que descrevem e resumem tudo que foi dito sobre o uso do computador. Em sua opinião quais as quatro palavras que *mais lhe parecem representativas, expressivas*, do uso do computador?"

Para os 4 itens escolhidos em primeiro lugar, e que correspondem aos *mais representativos* para o sujeito, foi atribuído o valor 5, segundo a metodologia proposta por Abric. Formou-se o primeiro bloco com essas 4

palavras descritoras, que então foram excluídas do conjunto das 24, que passou a ter 16 palavras.

Dentre as 16 palavras restantes, solicitou-se que fossem feitas escolhas de quatro fichas, com a seguinte sentença: - "Estas são as palavras que descrevem e resumem tudo que foi dito sobre o uso do computador. Em sua opinião quais as quatro palavras que *menos lhe parecem representativas*, expressivas, do uso do computador?". Formou-se o segundo bloco com essas 4 palavras descritoras, que foram excluídas do conjunto, que passou a ter 12 palavras. Foi atribuído o valor 1 segundo a metodologia proposta por Abric.

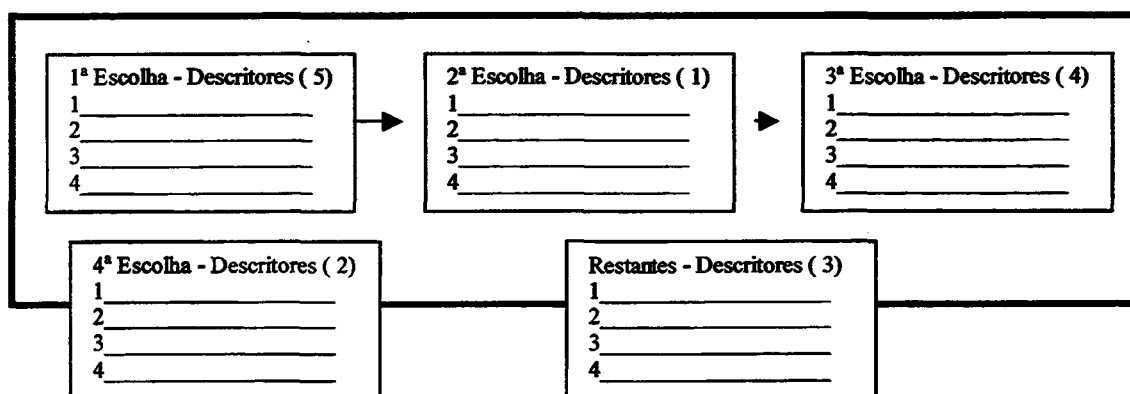
Dentre as 12 palavras restantes, solicitou-se que fossem feitas escolhas de quatro fichas, com a seguinte sentença: - "Em sua opinião quais as quatro palavras que *lhe parecem representativas*, expressivas, do uso do computador?" Formou-se o terceiro bloco com essas 4 palavras descritoras, que foram excluídas, e o conjunto passou a ter 8 palavras. Foi atribuído o valor 1, segundo a metodologia proposta por Abric.

Das 8 palavras restantes, solicitou-se que fossem feitas escolhas de quatro fichas, com a seguinte sentença: - "Em sua opinião quais as quatro palavras que *lhe parecem representativas*, expressivas, do uso do computador?" Formou-se o quarto bloco com essas 4 palavras descritoras. Foi atribuído o valor 2 segundo a metodologia proposta por Abric.

Para os 4 itens (palavras descritoras), restantes, foi atribuído o valor 3, segundo a metodologia proposta por Abric. Formou-se o quinto bloco.

A cotação dos descritores, foi: a soma dos valores  $5 + 4 + 3 + 2 + 1 = 15$ , dividida pelos blocos, em número de 5 (5 conjuntos de palavras descritoras). Trabalhou-se a média de 60% do maior valor, que é 5, obtendo-se então o valor de 3. Considerou-se que, projetivamente, as primeiras escolhas são as mais significativas como realidade subjetiva.

- **Quadro 1 - Demonstrativo da metodologia de Escolha Sucessiva por blocos e do critério de valoração.**



Em questão de metodologia, tal como refere Abric (1994), o papel que o sujeito atribui a si e aos outros, assim como a compreensão que este tem das tarefas e do contexto, é sempre uma apropriação e reconstrução da realidade, mediatizada pela significação que o sujeito lhes atribui, ou seja, pela representação que elabora a seu respeito. Destaca-se aqui, o carácter paradoxal da função simbólica: consiste em estabelecer relações irrealis para permitir a adaptação do homem à realidade.

Na sua descrição das etapas do desenvolvimento da inteligência, Piaget (1952), mostra a passagem da etapa sensório-motora até a linguagem, e

depois, a evolução que leva a criança a tornar-se, aos poucos, dona do instrumento lógico e simbólico. Da etapa pré-operatória, a criança passa para as operações concretas, ainda submetidas às coações da realidade imediata até alcançar a autonomia, a liberdade intelectual na etapa das operações formais, possuindo então, o instrumento que lhe permite a manipulação do universo. Criar um universo simbólico é conceder à realidade imediata um caráter de ausência, mas é também integrar a realidade dentro do sujeito.

"O edifício inteiro do conhecimento humano apresenta-se, não como ampla coleção de informações procedentes dos sentidos, mas sim como estrutura de fatos que são símbolos e de leis que são as significações dos mesmos." (Langer, 1942, p. 21).

Afirma Augras (1967), que simbolismo individual e simbolismo coletivo são dois aspectos de um mesmo fenômeno, pois estão unidos por um só canal de transmissão: a linguagem. O método de interpretação nesta pesquisa, será também fundamentado na análise da linguagem simbólica, mediante a utilização destes conceitos .

O diálogo com diversas áreas do conhecimento, pode ser útil, pois essa interlocução certamente ajudará na compreensão das *vorstellung*, palavra usada por Freud (1901), para expressar idéia de representação. Freud a propósito de uma *weltanschauung* (ponto de vista, visão de mundo) criticava as visões que tinham a pretensão de dizer a verdade sobre a verdade: submergir o indivíduo com uma força particularmente viva, em um sistema de pensamento e em um sistema social que lhe tiravam toda possibilidade

de pensar por si mesmo e de “trabalhar” as condições e as conseqüências de seus comportamentos.

### **1.6.2 - Representações Sociais**

"A análise científica das práticas sociais, do exercício do poder e aplicação do direito natural e positivo, será o elemento indispensável ao desenvolvimento."  
(Habermas, 1994, p.97).

Moscovici (1961/1976), ensina que as representações sociais, procuram dar conta do fenômeno no qual o homem manifesta sua capacidade inventiva para assenhorar-se do mundo, evidenciando-se por meio de conceitos, afirmações, e explicações, originados no dia-a-dia, durante interações sociais, a respeito de qualquer objeto, social ou natural, para torná-lo familiar e garantir comunicação no interior do grupo e, também, interagir com outras pessoas e grupos.

"A Teoria das Representações Sociais, é entendida como a explicação do modo como os indivíduos constroem seus conhecimentos e interagem com a realidade. Modifica a concepção dualista de homem; considera o sujeito e o objeto não distintos, mas a realidade é representada, reconstruída, no sistema cognitivo e integrada no contexto." (Moscovici, 1961, p.24).

É na relação triádica entre sujeito-objeto-sujeito que encontra-se tanto a possibilidade da construção simbólica, como os limites dessa construção. O conhecimento simbólico em sua gênese e estruturação é um conhecimento interativo, um conhecimento de relações. Uma rede hipertextual, em sua complexidade de estrutura e funcionamento. O fenômeno não é ele representa

Esse conhecimento interativo, como Piaget (1968) demonstrou, é acima de tudo uma relação entre o eu e o outro. Outro, aqui entendido, como objetos humanos e/ou não humanos:

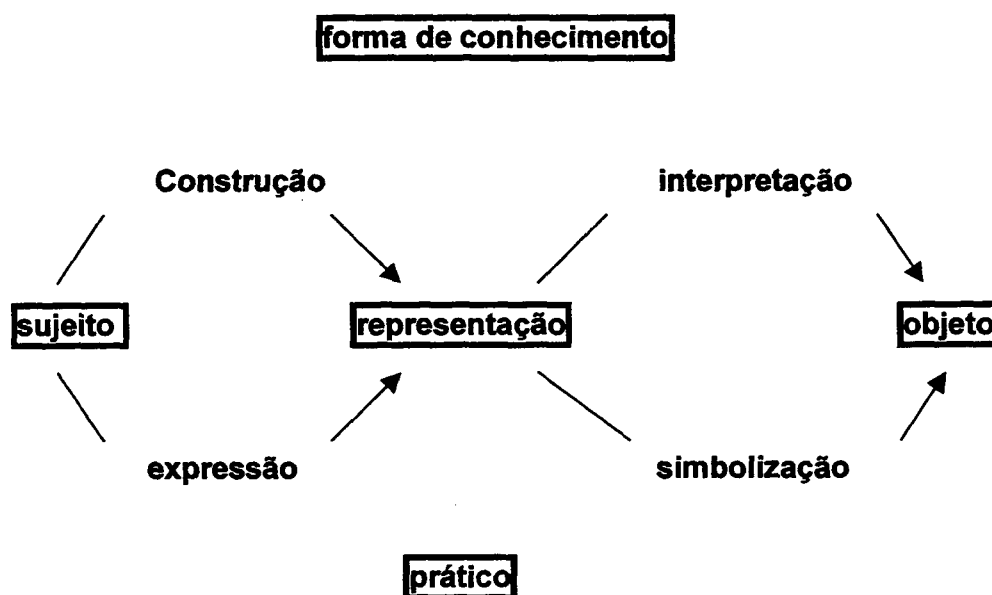
"Precisamos manter a distinção entre a representação e o objeto, porque é na pluralidade dos processos representacionais que reside a possibilidade de manter o objeto aberto para as tentativas constantes de (re)significação que lhe são dirigidas." (Jovchelovitch, 1998, p. 76).

Esta teoria, recoloca o mundo social e seus imperativos, sem perder de vista a capacidade criativa e transformadora de sujeitos sociais. Para Abric (1994), a teoria das representações sociais, embora não dispense a influência dos fatores externos que caracterizam a realidade extrínseca, introduz o valor do simbólico como determinante na apropriação que o indivíduo ou grupo faz dessa realidade. "O sujeito e o grupo, apropriam-se do conjunto de valores, normas e crenças vigentes na organização onde estão inseridos e reconstruem no seu sistema cognitivo, as representações que serão o guia das ações. (...) O mais importante, é que as noções de núcleo central ou princípio organizador vêm a designar basicamente "uma estrutura que organiza os elementos da representação e lhes dá sentido" ( Flament,1989, p.80 p.145).

O estudo das representações sociais, centrado na perspectiva da noção de núcleo central, requer a utilização de instrumentos específicos e uma abordagem plurimetodológica, defendida por Abric (1994). Pesquisadores recentes estão plenamente de acordo quanto à necessidade de "uma abordagem plurimetodológica das representações." (Abric, 1994, p.60).

As relações que se estabelecem entre diversas representações são chaves importantes para a compreensão da situação. "Acreditar que algo é verdade ou mentira condiciona nossa expectativa frente ao mundo, pressupõe idéias, noções, significações escondidas em nossas percepções ou sentimentos" (Moscovici, 1998, p.97).

- **Quadro 1 - O Campo de Estudo da Representação Social**



Jodelet, 1989 apud Spink, 1998

No estudo da relação entre as representações e as práticas, as representações sociais, constituem-se objetivo necessário de pesquisa, especialmente no campo da psicologia social.

"O estudo das representações sociais reclama atenção à pesquisa do seu conteúdo ou universo, isto é, à pesquisa da informação, atitudes e estrutura das representações em estudo. Isto implica uma metodologia específica de recolha e de análise dos dados, que levanta por sua vez consideráveis dificuldades de natureza metodológica." (Abric, 1987, 1994).

Entende-se que o conceito de representação social é um construto útil à compreensão dos fenômenos no campo educativo, visto que a representação pode constituir-se como instrumento de análise, na medida em que medeia a ação e a relação pedagógica. O fenômeno não é, ele representa. O objeto nunca aparece na percepção tal como ocorre, mas sim através da mediação, de uma linguagem, fundamental ao acontecimento cujo sentido cumpre penetrar.

### **1.6.3 - O Método da Escolha Sucessiva por Blocos e a Identificação da Estrutura Interna da Representação**

O método de Escolhas Sucessivas por Blocos, além de permitir uma análise de similitude tradicional, permite também identificar relações de antagonismos ou de exclusão entre os itens. (Abric, Guimelli, 1994).

Por outro lado, procurar-se-á observar a estabilidade ou variabilidade que os itens assumem nas escolhas dos sujeitos, visto que, quanto maior estabilidade houver na escala de valoração, maior será o índice de proximidade entre os elementos.

Na medida em que cada item é afetado de um valor que manifesta o seu grau de importância ou de pertinência no campo representacional, em primeiro lugar, identificar-se-á quais os descritores que se apresentam como mais importantes na escala de valoração dos sujeitos, cruzando a frequência com a classificação atribuída a cada item.



Procurou-se entender a natureza das relações entre os itens, ou seja, identificar o par de itens que obtiveram maior aceitação por parte dos sujeitos, classificação 5, ou menos aceitação, classificação 1.

A Escolha Sucessiva por Blocos, tratada por Guimelli (1994), foi o guia principal das ações de análise. Em primeiro lugar procedeu-se à conversão da escala de distância (- a +), pontuação atribuída a cada descritor consoante a opção de cada sujeito, numa escala numérica de 1 a 5.

Procurou-se, à seguir, discriminar a importância atribuída às diferentes categorias identificando aquelas que foram valoradas de forma muito positiva (5), de forma muito negativa (1), ou que assumiam relativa viabilidade nas escolhas dos sujeitos (3). Esta classificação hierárquica, leva a inferir que os quatro primeiros itens aos quais foi atribuída uma valoração máxima (5), são aqueles que para os sujeitos são mais representativos, enquanto que aos quatro itens a que foi atribuído a valoração (1), parecem ser menos importantes no campo representacional.

"Na análise da estrutura da representação se pode considerar que dois itens estão tanto mais próximos, quanto maior for o número de sujeitos que os tratem da mesma maneira, quer porque foram rejeitados, quer porque foram escolhidos." (Flament, 1981 apud Costa p.115).

Assim, identificou-se no conjunto de descritores aqueles que apresentavam em termos de escolhas, a mesma direção (quer positiva, quer negativa), ou uma flutuação em termos direcionais (classificação positiva e negativa).

Depois da construção das matrizes de similitude para detectar a estrutura interna da representação, procurou-se identificar os elementos que apresentavam probabilidades de se constituírem como núcleo central, ou seja, os que organizaram e deram significação à representação.

#### 1.6.4 - Método Projetivo

"Termo utilizado em psicologia para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objeto. No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro - pessoa ou coisa - qualidades, sentimentos, desejos e mesmo "objetos" que ele desconhece ou recusa nele." (Laplanche e Pontalis, 1998, p.374).

Por diversas vezes, Freud insistiu no caráter *normal* do mecanismo da projeção. É assim que ele vê na superstição, na mitologia, no animismo, uma projeção.

"O obscuro conhecimento (por assim dizer, a percepção endopsíquica) dos fatores psíquicos e das relações que existem no inconsciente reflete-se [...] na construção de uma *realidade supra-sensível*, que deve ser retransformada pela ciência em *psicologia do inconsciente*." (Freud, 1901, IV, p. 287-8).

Em psicologia, fala-se de projeção para designar alguns processos como o seguinte: o sujeito percebe o meio ambiente e responde a ele em função dos seus próprios interesses, aptidões, hábitos, estados afetivos duradouros ou momentâneos, expectativas e desejos.

O termo *projeção*, ganhou terreno em psicologia, pelo fato dos diversos sentidos desta palavra serem todos cabíveis no caso em questão e evocarem sua multidimensionalidade, especificidade e fecundidade.

O primeiro sentido de projeção, denota uma ação física, o jato: por exemplo, o lançamento de projéteis. Lançando mão de uma analogia metafórica, Freud designou neste sentido, uma ação psíquica característica da paranóia, a qual consiste em expulsar da consciência os sentimentos repreensíveis, atribuindo-os a outra pessoa. Segundo regras de decifração próprias da psicanálise, certos traços de caráter e certos sistemas de organização do comportamento e das emoções podem ser decodificados.

O segundo sentido é matemático. Aparece no século XVII, ao se organizar a geometria projetiva. A projeção estabelece a correspondência entre um ponto (ou conjunto de pontos) do espaço e um ponto (ou conjunto de pontos) de uma reta ou de uma superfície. O estudo da perspectiva, a confecção pelos arquitetos dos planos e fachadas, ou dos mapas pelos geógrafos, são teoricamente baseados nesse processo. A noção de propriedade projetiva é aqui essencial: as propriedades geométricas de uma figura são conservadas em qualquer projeção plana da mesma figura. A neurologia utilizou desde logo esta noção de projeção, para sinalizar a correspondência ponto-a-ponto ou estrutural entre uma área cerebral e um aparato sensorial ou motor. Os testes projetivos, analogamente, levam o sujeito a produzir um protocolo de respostas de tal modo que a estrutura do mesmo corresponde à estrutura de sua personalidade, estando conservadas no primeiro as características fundamentais da segunda.

O terceiro sentido tem origem ótica, ao final do século XIX. Partindo de um foco, a projeção luminosa envia raios ou radiações sobre uma superfície. São bem

conhecidas as aplicações práticas do fenômeno: o teatro de sombras inspirador da Klecksographie de Kerner, - a qual inspirará por sua vez Roschach, em seu teste de manchas de tinta,-a projeção fixa de uma imagem sobre uma tela e por fim o cinema. Os escritores do início do século XX adotaram e popularizaram este terceiro sentido. Sua transposição foi rápida na psicofisiologia (por exemplo, as sensações olfativas são localizadas pelo sujeito sentindo-as ao nível do aparelho receptor: são "projetadas" sobre o nariz) e na psicologia (o animismo, o mito, a superstição consistem em perceber, no mundo exterior, estados afetivos que, sendo de fato interiores, são projetados pelo sujeito).

"Um teste projetivo é como um raio x. Atravessando o interior da personalidade, fixa a imagem do seu núcleo secreto sobre um revelador (aplicação do teste), permitindo depois sua leitura fácil, por meio da ampliação ou projeção ampliadora em uma tela (interpretação de protocolo). O que está escondido fica, assim, iluminado; o latente se torna manifesto. O interior é trazido à superfície; o que há em nós de estável e também emaranhado se **desvenda**." (Anzieu, 1978, p.19).

O termo "Métodos Projetivos" foi criado por L. K. FRANK, em 1939, quando publicou no Journal of Psychology, um artigo intitulado "Os métodos projetivos para o estudo da presença"<sup>i</sup> Esta expressão "Métodos Projetivos" foi inventada para explicar o parentesco entre três provas psicológicas: Teste de Associação de Palavras JUNG (1904), Teste de manchas de tinta de Hermann Rorschach (1920) e T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) de Henry Murray (1935). FRANK mostrava que tais técnicas formam o protótipo de uma investigação dinâmica e "holística" (global) da personalidade.

Os testes projetivos estruturais têm o Rorschach como protótipo. Alcançam sobretudo um corte representativo do sistema da personalidade e de sua maneira de apreender o mundo, de sua *Weltanschauung* (visão do mundo), de seu "mundo de formas". (Anzieu, 1978).

A atividade associativa entre as perguntas elaboradas nesta pesquisa e suas respostas projetadas pelos sujeitos, pode ser um índice dos processos psíquicos e a decodificação em categorias analíticas, podem revelar aspectos psicológicos. Ou seja, as emoções que acompanham as razões das atitudes externas e internas do indivíduo se desvendam.

Dentre as técnicas de que dispõe o psicólogo para fazer a avaliação da personalidade, destacam-se os métodos projetivos como aqueles que possibilitam uma apreensão profunda de conteúdos. Essa técnica de avaliação, enfatiza os aspectos qualitativos e psicológicos, em oposição à tradição psicométrica, a qual visa uma classificação com procedimentos basicamente quantitativos e normativos.

A complexidade do funcionamento mental humano obriga a considerar um grande número de fatores interdependentes, que só adquirem sentido se levar-se em conta a sua dinâmica e o seu valor no seio de uma determinada organização mental.

Aqui, a técnica, ou, mais precisamente, certos princípios metodológicos, é que permitem que se venham a ordenar num todo os elementos dispersos recolhidos no discurso.

As técnicas projetivas se distinguem, essencialmente, dos testes de aptidão, de eficiência, de interesses, dos inventários de personalidade pela ambigüidade do material apresentado ao sujeito e pela liberdade que lhe é dada para responder. Estas duas características situam o método projetivo dentro das tendências respectivas da psicologia da forma e da psicanálise.

As técnicas projetivas seguiram de perto o progresso da Gestal-Theorie: Jung é um pouco posterior a von Ehrenfels, Rorschach a Wertheimer, Murray a Kurt Lewin; apesar disso, não parecem ter sofrido sua influência direta.

A análise, por parte do sujeito, de um material ambíguo e a exploração ao mesmo tempo livre e sistemática das possibilidades de interpretação, oferecidas por este material, constituíram um modo afinal preciso de abordagem aos processos da personalidade. Ambigüidade é utilizada, como meio de abordar as condições externas da percepção e como meio de abordagem às condições internas. A psicologia projetiva amplia a psicologia da forma. Ela interessa-se pelas relações do homem com os outros, ao mesmo tempo que pelas relações do homem com o seu mundo vivenciado.

A Psicologia Projetiva seria:

“um corpo de assunções (efeito ou ato de assumir), de hipóteses e proposições que, embora não tenham uma formalização satisfatória, encontram mais expressões específicas na mão de clínicos que empregam métodos projetivos no estudo e diagnóstico da personalidade.” (ANZIEU, 1978, p.18).

A hipótese central da metodologia projetiva é que as operações mentais utilizadas durante a aplicação das provas projetivas são capazes de manifestar

as modalidades de funcionamento psíquico próprios a cada sujeito (examinando e examinador) na sua especificidade mas também nas suas articulações singulares. Ela consiste, portanto, em demarcar as condutas psíquicas subjacentes às operações mobilizadas pelas provas projetivas.

As noções de conteúdos manifestos e de conteúdos latentes são aplicados à análise do material da pesquisa.

*Enquanto objetos reais*, as perguntas do questionário (anexo A), na sua materialidade (*stimulus*), vão solicitar a emergência do discurso (palavra) que dará conta de imagens articuladas e de associações introduzidas a partir de mecanismos perceptivos (a partir de uma realidade do material). Nesse sentido, o apelo à percepção, sempre presente nas instruções - no caso desta pesquisa: - "Responda livremente as questões que vou lhe propor", e para o anexo B: "Estas são as palavras que descrevem e resumem tudo que foi dito pelas pessoas que participam dessa pesquisa sobre o uso do computador. Em sua opinião quais as quatro palavras que mais lhe parecem representativas, expressivas do uso do computador?" - isto permite um apego, ou de preferência uma ancoragem ao "real", que constitui o fundamento da inscrição no meio. A "distância" estabelecida entre o sujeito e o material será rica de significados.

O material projetivo, permite uma interpretação das percepções em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de ajustes, de organizações de suas relações com ele próprio e com seus objetos internos e externos, representações e afetos que os traduzem, isto é, sustentados pelas palavras-

imagens que ele liberar: todo um campo aberto às suas associações pela indução da projeção, tornada possível graças ao caráter semi-diretivo das questões.

As *interferências perceptivas e projetivas* constituem a essencial articulação das provas projetivas. Com efeito, as perguntas do questionário do anexo A, desde o início, fazem apelo ao mesmo tempo aos mecanismos perceptivos e projetivos: "Como você se sente usando o computador?" "Quais são os sentimentos que lhe ocorrem ao ouvir a palavra computador?" "O que levou você a usar o computador?". No anexo B, ao se fazer as escolhas das palavras descritoras ocorre o mesmo processo.

Desta forma, o acento colocado sobre a linguagem verbal como veículo das mensagens e igualmente o duplo convite: imaginar, expressar o que pertence ao sujeito à sua realidade interna, com referência às perguntas do questionário, isto é, à realidade externa, fornecerá material projetivo.

Desta maneira o sujeito se encontrou, confrontado a uma dupla exigência: ele vai mostrar de que maneira e como ele se organiza para fazer face, ao mesmo tempo, ao seu mundo interno e ao seu meio ambiente: situação característica, à imagem da vida, visto que trata-se de se confrontar aos limites impostos pela realidade mas deixando o possível lugar, ao imaginário e aos fantasmas.

Assim, numa redução às vezes espetacular, o sujeito vai mostrar seu modo de funcionamento psíquico: essa afirmação pode parecer abrupta e se torna convincente reportar-se às características do Rorschach, que, na sua qualidade própria, facilita movimentos regressivos e projetivos solicitando ao



mesmo tempo os mecanismos de percepção e de adaptação com o real. Essa dupla mobilização pode ser mais ou menos difícil, mais ou menos equilibrada, mais ou menos realizada: com efeito, se o “dizer tudo” abre, parece, um amplo campo de associações e de expressões de desejos que poderia dar a ilusão de uma imensa liberdade na relação com o clínico, a referência às questões na sua materialização - explícita na instrução - vem colocar a marca de uma realidade que pode ser às vezes sentida como uma limitação dolorosa, até mesmo perturbadora. Frente a prova projetiva, a liberdade seria a do sujeito capaz de operar o *schiff*<sup>1</sup> (termo precioso, intraduzível, introduzido por Schafer) constante entre mecanismos projetivos e mecanismos perceptivos, isto é, de realizar uma integração das exigências internas e externas cujo discurso revelaria por sua flexibilidade, sua coerência e sua riqueza, uma certa harmonia ou um compromisso relativamente estável na sua dinâmica, entre os desejos e a barreira do real. Pode-se opor aqui o transbordamento pelos fantasmas ou afetos, a incapacidade de cernir um objeto externo como tal ou o aprisionamento numa coleira conformista que obriga em manter-se numa descrição impessoal e fria em relação a esse objeto numa interdição de toda expressão libertadora.

O ponto comum a todas as provas projetivas reside na particular qualidade do material proposto, ao mesmo tempo concreto e ambíguo, na solicitação de associações verbais a partir deste material e enfim na criação de um campo relacional original entre o sujeito e o psicólogo clínico graças ao objeto mediador que representa o teste.

---

<sup>1</sup> Os termos de “passagem” ou de “salto”, “pulo” constituem equivalentes aproximativos.

O encontro entre o real e o imaginário é, efetivamente, possível e necessário e, se há paradoxo, este inscreve-se mais na perspectiva de Winnicott. Em *O Brincar e a Realidade* (Winnicott, 1971), o autor desenvolve, para além da estrita definição do objeto transicional - esse objeto real investido de significados subjetivados pela criança - a noção de área transicional e de espaço potencial: área entre-dois, a meio caminho entre o real e o imaginário e cujo acesso pressupõe a aceitação do paradoxo, da dupla pertença interno-externo, fantasmático-perceptivo, que permitiu a criação do objeto transicional.

É o reconhecimento deste paradoxo que funda a diferenciação entre real e imaginário, entre dentro e fora, entre mundo interno e mundo externo, como numa fita de Moëbius. Pode-se pensar que a capacidade de o sujeito se situar neste entre-dois vai permitir a utilização de um espaço psíquico próprio, constitutivo do sentimento de continuidade de ser, ligação temporal necessária à interiorização da duração. A área transicional, e seus fenômenos concomitantes, servem de matriz à criação de um espaço psíquico interno, onde têm origem os processos de mentalização.

Ombredane apud Anzieu (1978), distinguiu diversas formas de projeção:

"a) Com a projeção *especular* o indivíduo reencontra características, que pretende serem suas, na imagem de outro. A origem de tal projeção está no *estágio do espelho*, de indistinção primitiva da imagem de si e da imagem do outro, em síntese, do *narcisismo*. Processa-se no modo indicativo [...] ou optativo. [...] b) Quando se trata de projeção *catártica*, o indivíduo atribui à imagem do outro não mais as suas características ou que desejaria fossem suas, mas as que erradamente pretende não ter, recusa considerar como

suas e das quais se livra (catarse), deslocando-as para outro ponto. [...] c) Finalmente na projeção *complementar*, a pessoa atribui aos outros sentimentos e atitudes que justifiquem as suas. [...] Esta forma de projeção utiliza os dois modos indicativo e optativo." (Anzieu, 1978, p.30)

### 1.6.5 - Metapsicologia e Projeção

A análise do funcionamento psíquico proposta por Freud decorre, primeiramente, da construção de modelos cujo caráter *ficício* deve ser sublinhado: sendo assim, o aparelho psíquico é apreendido numa abordagem formal, graça à elaboração de metapsicologias cujo desenvolvimento dialético é essencial.

Freud, freqüentemente, revoltou-se contra uma concepção racionalista da ciência, que representaria suas descobertas como produtos de um conjunto de conceitos radicalmente inéditos e elaborados a partir do caos ou de uma confusão anterior :

"É que estas idéias não são o fundamento da ciência sobre a qual tudo repousa; este fundamento ao contrário é a única observação. Os materiais empíricos extraídos da observação são recolhidos sob a forma de concepções fundamentais, nebulosa, evanescentes, apenas representáveis, que [a ciência] espera poder apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento e que ela também está pronta para trocar [...] contra outras." (FREUD, A vida sexual, p. 84-85).

Como estas "concepções fundamentais" são produzidas? São elas puras generalizações de materiais concretos que recolheria a observação? Freud explica isto em detalhes em 1915, na Metapsicologia: "Uma ciência deve ser construída sobre conceitos fundamentais claros e nitidamente definidos." O primeiro momento da pesquisa é consagrado à descrição dos fenômenos que

são em seguida reunidos, ordenados e inseridos nas relações, levando em conta, portanto, o fato que “já na descrição, pode-se evitar aplicar ao material certas idéias que se suga aqui ou ali e certamente não somente numa única experiência atual.” (FREUD, 1915). Estas idéias abstratas ocupam um lugar particular em relação ao material empírico: “elas parecem (lhe) ser emprestadas, mas [...] na realidade [ele] lhes é submetido”, isto é, as concepções, até mesmos as mais vagas, determinam e influenciam a emergência dos materiais empíricos.

As descobertas vão fatalmente transbordar o ponto de vista inicial: o trabalho dialético preconizado por Freud começa aqui, numa preocupação de ajustamento permanente entre os fenômenos que devem ser considerados e a constituição de conceitos fundamentais, isto é, do aparelho teórico propriamente dito. Este *corpus* teórico deverá também funcionar como pre-concepção na estruturação do ponto de vista clínico pois “o progresso da ciência também não tolera a rigidez nas definições”. A concepção dialética de Freud, ao mesmo tempo rigorosa e flexível, ilustra-se na elaboração de várias metapsicologias, colocando em evidência as articulações entre os dados clínicos e seu tratamento teórico dentro de movimentos permanentes de ruptura e de elaboração que se entre cruzam, se reencontram e se opõem na renovação das questões e as tentativas de respostas.

A qualquer método projetivo em Psicologia, como diz Rapaport:

“Subjaz a hipótese de que toda a atividade de um dado indivíduo leva em seu seio sua individualidade; deste modo, se a interpretarmos, qualquer conduta deverá servir de índice da individualidade e de suas características de

adaptação e inadaptção. Nesta hipótese acha-se implícita a noção de que lhe é próprio, e de que, as características deste mundo (o mundo, tal como ele o vê) podem ser deduzidas a partir de suas atividades observadas em condições sob controle. A isto nos referimos como hipótese projetiva." (Rapaport, 1971, p.22).

A hipótese central da metodologia projetiva é que as operações mentais utilizadas durante a aplicação das provas projetivas são capazes de manifestar as modalidades de funcionamento psíquico próprios a cada sujeito (examinando e examinador) na sua especificidade mas também nas suas articulações singulares. Ela consiste, portanto, em demarcar as condutas psíquicas subjacentes às operações mobilizadas pelas provas projetivas.

### **1.7 - Organização e apresentação dos capítulos**

Contemplar aspectos psicológicos e paradoxos do uso do computador, por professores e alunos do curso de psicologia do UNP, tornou-se um atraente objeto de pesquisa, pois, hábitos, modos de pensar, maneiras de agir e reagir a inovações, estão sendo drasticamente alterados. As dinâmicas dos grupos, passaram a apresentar relevantes dissonâncias cognitivas e emocionais, reveladas nos discursos dos sujeitos, que demandavam um espaço de escuta.

A hipótese de que, o conhecimento enquanto produto é afetado pelas condições psicológicas e sociais de um contexto e que o grupo pode ser considerado uma rede de subjetividades formada em diversos contextos cotidianos, revela a complexidade de analisar-se qualquer "fio", qualquer nó, da trama do tecido, desta intrincada rede social.

Aspectos comparativos entre as modificações sociais que se processam hoje com o advento dos computadores, e aquelas que ocorreram em outras épocas, quando do aparecimento da imprensa, da eletricidade, do rádio e da televisão foram apresentadas.

Focalizou-se a nova economia, herdeira direta da era da informação, cujos principais atores - sujeitos e computador - se inter-relacionam modificando padrões seculares de relações, ditando os novos modos de caminhar e o processo de inserção no cenário global. Entendendo-se que a aceleração do processo de globalização e suas implicações econômicas, políticas e sociais, fazem emergir um novo padrão sócio-técnico-econômico, que atribui um papel central à informação e ao conhecimento como novos insumos inseridos no processo de produção, além daqueles já tradicionais (terra, trabalho e capital).

No capítulo 2, as novas tecnologias e o comportamento humano são abordados. Nas considerações teóricas que permeiam, principalmente as Interfaces culturais e epistemológicas, são citados alguns autores, com destaque para Giddens, que em sua obra dá ênfase ao conceito de "desencaixe" que será amplamente utilizado no decorrer do trabalho. As modificações sociais provenientes do aparecimento de tecnologias como a imprensa, e a televisão, focalizado por McLuhan (1977)", as considerações de Pierre Levy, sobre virtualidade, uso das mídias e suas conseqüências na construção do conhecimento, e a análise de Postman e de Castells que desenham a morfologia social enraizada na centralidade da informação e do conhecimento.

No capítulo 3, o campo e a pesquisa são apresentados. Os paradoxos e aspectos psicológicos foram coletados nos discursos projetivos dos sujeitos da pesquisa, e foram analisados com duplo enfoque: qualitativo (Método Projetivo) e quantitativo ( Escolha Sucessiva por Blocos).

Os instrumentos de coleta de dados estão registrados nos anexos A e B. As análises foram efetivadas por interpretação do que foi aferido e expresso em tabelas e gráficos, e na análise projetiva.

No capítulo 4 apresentam-se as conclusões da pesquisa, que asseguram uma sensibilidade para aspectos menos óbvios, mas não por isso menos importantes, dos deslocamentos e transformações, dos sujeitos da pesquisa e de seus contextos, pelo uso do computador.

Esta pesquisa confirma o uso do computador como um mediador entre inconsciente e campo social e entre ordem singular e ordem coletiva. A via de acesso à vivência subjetiva e intersubjetiva do uso do computador foi expressa pelas palavras dos professores e alunos. O uso do computador revelou-se nesta pesquisa como um percurso, no qual os sujeitos da pesquisa agenciaram suas emoções, dando sentido ao prazer e à dor.

Findando a dissertação, remeteu-se ao enquadre das recomendações para futuras pesquisas e estudos, no esforço de identificação de modalidades de atuações, inspirada na realidade tecno-psicossocial, capazes de melhor responderem aos desafios contemporâneos e que possa promover cenários de aprendizagem mais eficazes com melhor qualidade de vida.

## **CAPÍTULO 2**

### **NOVAS TECNOLOGIAS E COMPORTAMENTO HUMANO**

"O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão." (Guimarães Rosa, 1979, p.20.)

#### **2.1 - As novas tecnologia e o vir-a-ser do sujeito.**

A psique humana vive em constante atividade de defesa contra o sofrimento. Defende-se da angústia, um sentimento de insegurança que é, ao mesmo tempo, um medo de um perigo desconhecido que causa mal-estar, uma insatisfação dolorosa que de novo se pode resumir na palavra angústia. Nada mais angustiante que o novo.

O homem vive e convive com o virtual ontologicamente, e seu eu, faz movimentos de "encaixe" e de "desencaixe" na montagem dos múltiplos papéis e funções por ele desempenhados: por vezes de forma sutil, por vezes grotesca, ora com prazer, ora com sofrimento e perplexidade, vai-se engendrando a extensa trama hipertextual da condição humana e as tecnologias.

A noção moderna de indivíduo vem sendo objeto de uma extensa e rica tradição de estudos nas ciências sobre o Homem. A despeito das diferenças



entre correntes e métodos, buscou-se demarcar as circunstâncias e as condições de possibilidade que fizeram emergir, ao longo de séculos, essa forma particular de se perceber enquanto ser humano.

Não existe o homem, existem homens, vivendo em contextos que moldam não apenas sua vida material e objetiva, mas sua experiência em si, as representações que a organizam, os afetos que a atravessam, e a linguagem com a qual ela é expressa.

Os indivíduos modernos, são um capítulo numa história sem fim. Essa versão do homem, que percebe como um ser autônomo, livre, dotado de um universo interior absolutamente único, um eu singular, é apenas uma versão característica de um contexto histórico peculiar.

Vernat (1988), situa a gênese da construção histórica do indivíduo moderno, no mundo burguês, a partir do século XVIII. E caracteriza esse modelo de indivíduo como possuidor de uma consciência de si onde a dimensão de interioridade e de singularidade absoluta e segredo íntimo são proeminentes.

Para os existencialistas em geral, o homem primeiro existe, depois é, ou seja, define-se por sua ação. O homem pois, se constrói.

Há visões do homem como ser, cuja existência é um permanente tender para (para as coisas, para os outros, para a morte), como ensinam Heidegger e Sartre.

Como existente concreto, o indivíduo está sempre em situação; assim sua auto-construção nunca é feita no vazio, ela supõe as circunstâncias históricas (da história pessoal e da história social).

O homem sartreano é entendido não mais como natureza, mas como condição limitada no tempo e no espaço. Singularíssimo ser, porque concreto, vivendo em circunstâncias determinadas que o definem porque o delimitam. Sua *virtualidade* é o seu 'vir-a-ser'.

O homem se constitui portanto "em sendo". É um 'ser-em-relação'. Essa é sua condição humana. Na relação com a tecnologia o homem vai se construindo.

Benilton Bezerra Júnior (1994) descreve que ao fim do século XIX a psicanálise afirma que: o indivíduo não existe. Apontando – através da noção axial do inconsciente – para a natureza, cindida, descentrada, do psiquismo humano.

De Freud (1969), aprende-se que existe a elaboração fantasmática que o sujeito cria para si próprio através da linguagem: ela constitui e intermedia a sua relação com o mundo e consigo próprio.

O homem constrói a si próprio e ao mundo através do permanente processo de criação e interpretação do existente, ao qual é inelutavelmente empurrado por sua natureza pulsional.

O indivíduo moderno é instituído por *moldes imaginários* que a história lhe oferece para ganhar existência social. Portanto o 'vir-a-ser' é *virtualidade* no sentido estrito da palavra. Entendendo aqui o *virtual* como o oposto do *atual* e não do real.

O puro real como ensina Lacan (1954), não existe. No sentido de que apreensões e percepções de mundo já estão permeadas, nos níveis do

simbólico e do imaginário, por nossas epistemes, (do olhar, do ouvir, do organismo biológico).

Lacan (1954), contempla a visão de realidade com a metáfora dos "nós (elos) de Borromeus", citado também por Lévy (1996). Trata-se de três elos que se unem de modo especial, de tal forma que ao retirar-se um deles, os outros dois também se desentrelaçam. Estes nós representam as relações de troca entre três registros, o do real, do simbólico e do imaginário. E é através destes três registros que resulta a visão de mundo, de cada indivíduo.

"A ciência moderna não pára de curto-circuitar as fronteiras, as separações e as regras. A técnica em geral é uma dimensão, recortada pela mente de um *devoir* coletivo, heterogêneo e complexo na cidade do mundo. Uma vez que o pretense sistema técnico ou técnica tenham sido novamente imersos no rio do *devoir* coletivo, podemos enfim reconhecer que a *dimensão instituinte* está presente em toda parte, ao menos enquanto potência." Levy, (1996, p. 16).

"A tecnologia cria novas concepções do que é real" (Postman, 1994, p.22.). Esta relativização do imperativo tecnológico sugere, pois, que o estudo das novas tecnologias de informação no âmbito da sociedade em geral, das organizações e do trabalho em particular, ficará extremamente incompleta se não se analisar a inter-relação das tecnologias com variáveis de caráter gerencial, psicossocial e simbólico.

As novas tecnologias da informação, tal como as velhas tecnologias, são alvo de produção simbólica. Por isso mesmo, são apropriadas pelos indivíduos em suas aprendizagens, integradas em sistemas de significados que

influenciam a própria disposição para utilizar, ou não, essas novas tecnologias, os objetivos com que são utilizadas e as conseqüências que lhes são imputadas.

"Conseqüências imprevistas estão no caminho daqueles que pensam que vêem, com clareza, a direção para a qual uma nova tecnologia nos levará. Nem mesmo aqueles que inventam uma tecnologia podem presumir que são profetas confiáveis." (Postman, 1994, p.24).

O processo de implantação de qualquer mudança é um processo fundamentado em valores e crenças.

Segundo Steil e Barcia (1999):

"Na análise da possibilidade da implantação do teletrabalho, os analistas organizacionais precisam: Identificar os elementos básicos da cultura organizacional (principalmente crenças e valores). Ponderar a extensão de mudança necessária nestes valores centrais para um novo grupo de valores que seja favorável ao desenvolvimento do teletrabalho (autonomia, busca de novas soluções, estilo Y de gerenciamento, receio de perda de controle diminuído, confiança, comunicação eficaz, etc.); e caso as mudanças necessárias não sejam tão extensivas ou paradigmáticas, a organização deve elaborar um plano para o desenvolvimento destes novos valores. Por outro lado, se os membros organizacionais apresentarem um elevado consenso sobre valores não facilitadores ao teletrabalho, sugere-se que o teletrabalho não seja indicado para esta organização no momento. A organização teria extrema dificuldade em distanciar-se do desenho arquetípico atual e o programa de implantação do teletrabalho seria boicotado exatamente pelo grupo que deveria apoiá-lo"

A virtualização das organizações é inerentemente um fato contemporâneo globalizante. As tendências globalizantes da modernidade são extencionistas e intencionistas – elas vinculam os indivíduos a sistemas de

grande escala como parte da dialética complexa de mudanças nos pólos local e global, com conseqüências desestabilizadoras de fazeres e olhares tradicionais.

Para penetrar mais fundo na relação psíquica entre o teletrabalhador e o teletrabalho, é necessário considerar um confronto fundamental, o encontro entre registro diacrônico (história singular do sujeito, seu passado, sua memória, sua personalidade) e registro sincrônico (contexto material, social e histórico das relações de trabalho).

A pergunta crucial aqui, talvez seja: qual é a relevância dos aspectos psicológicos e paradoxos do uso de computadores por alunos e professores do curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva?

Jorge Vala (1993), na vertente da psicologia social das organizações pretende responder a estes e outros questionamentos. O eixo epistemológico denominado psicossocial reúne as várias correntes de pensamento que se unificam pelo intuito de conceberem o indivíduo e o contexto histórico como indissociáveis e interdependentes. Nesta perspectiva, a sociedade é vista como uma totalidade em que cada parte representa uma função complementar das demais, mantendo-se essencial à reprodução da vida social.

## **2.2 - Tecnopólio**

Há as posições tradicionais ou contrárias à tecnologia na educação. Há as posições dos que enxergam as novas tecnologias como mais um dos elementos que podem contribuir para a melhoria de algumas atividades nas

salas de aula. Há o discurso dos defensores da nova tecnologia educacional, que mostram as mazelas da escola apresentando os professores como dinossauros avessos às mudanças. Há os defensores de um "tecnopólio", com a "deificação" da tecnologia.

Postman (1994), escreve que uma maneira de definir "tecnopólio", é dizer que ele é o que ocorre com a sociedade quando as defesas contra o excesso de informação entram em colapso.

É o que ocorre, quando uma cultura, dominada pela informação gerada pela tecnologia, tenta empregar a própria tecnologia, como meio para obter uma direção clara e propósito humano.

Esse autor aponta um exemplo: um sistema imunológico destrói as células não desejadas. Todas as sociedades têm instituições e técnicas que funcionam como o sistema imunológico. O objetivo delas é manter um equilíbrio entre o novo e o velho, entre a novidade e a tradição, entre o sentido e a desordem conceitual, e fazem isso "destruindo" a informação não desejada: nesse sentido, as instituições sociais de todos os tipos, funcionam como mecanismos de controle.

Toda tecnologia tanto é um fardo quanto uma benção. Não uma coisa ou outra, mas sim, isso e aquilo.

"Toda ferramenta está impregnada de um viés ideológico, de uma predisposição a construir o mundo como uma coisa e não como outra, a valorizar uma coisa mais que outra, a amplificar um sentido ou habilidade ou atitude com mais intensidade do que outros. [...] "As novas tecnologias

alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem." (Postman, 1994, p.23,29).

A velocidade com que a informação se precipita sobre nós cria um paradoxo: estreita enquanto amplia o espaço entre nós e os outros.

"Agora chega o computador, carregando mais uma vez a bandeira do aprendizado privado e da solução individual do problema. Será que o uso difundido dos computadores derrotará de uma vez por todas as proporções do discurso comunal? Irá o computador elevar o egocentrismo à categoria de virtude? Esses são os tipos de perguntas que a mudança tecnológica traz à mente." (Postman, 1994, p. 27).

Abrir a caixa preta do emocional é deparar-se com a "caixa de Pandora"! Por isto mesmo, no fundo da caixa resta a esperança de contemplar nesta reflexividade novas visões do conhecimento.

"Nós não estamos mais preparados para enfrentarmos o rádio e a televisão em nosso meio alfabético, do que o indígena de Gana para enfrentar a alfabetização, que o arranca de seu mundo tribal e coletivo e o encalha nas praias desertas do individualismo." (McLuhan, 1971, p. 51).

Em grande parte o mundo é inteiramente constituído pelo conhecimento reflexivamente aplicado, e ao mesmo tempo não se pode nunca estar seguro de que qualquer elemento, deste conhecimento, não será revisado. Como bem observou Popper (1962), ao dizer que, todas as ciências repousam sobre areia movediça.

## 2.3 - Tecnologia e ecologia

Reiterando: beneficiário da informática, o homem é amiúde, no mesmo movimento, vítima das novas tecnologias imputadas pelo trabalho.

"A mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me à "ecológica" no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total. Se você retira as lagartas de um determinado habitat, você não fica com o mesmo meio ambiente menos as lagartas, mas com um novo ambiente e terá reconstituído as condições da sobrevivência; o mesmo se dá se você acrescenta lagartas a um ambiente que não tinha nenhuma. É assim que a ecologia do meio ambiente funciona. Uma tecnologia nova não acrescenta nem subtrai coisa alguma. Ela muda tudo." (Postman, 1994, p.27).

O avanço tecnológico, o impacto das novas tecnologias e o aparecimento de novos fatores de competitividade, exigem das empresas hoje, uma aprendizagem em ambientes virtuais, novos mecanismos de gestão e uma capacidade permanente de adaptação à mudança.

"O desenvolvimento e a difusão das novas *tecnologias, como a biotecnologia, a tecnologia nuclear, a microeletrônica, a fotônica e o software*, têm tido uma influência múltipla e generalizada sobre as organizações. No caso específico das novas tecnologias de informação e gerência, o impacto atravessa todo o nosso cotidiano: o trabalho, as comunicações, a saúde e o lazer" (e.g. Relatório do Programa Fast, 1983).

Trata-se de um processo simultâneo de transformação de subjetividade e de organização social global, num pano de fundo perturbador de riscos e conseqüências dramáticas.



O mundo globalizado entrelaça o local e o global de maneira complexa, tecendo as tramas de uma rede com os fios do individual e dos coletivos, numa dialética onde a arte final é sempre uma *gestalt* imprevisível.

Assim, algumas perspectivas alternativas para o determinismo tecnológico propõem que o ajustamento entre a tecnologia e o trabalho, ou o funcionamento da organização, é mediatizado e permeado, por outras variáveis, dentre as quais sobressaem os processos sociais e de aprendizagem, políticos e culturais.

## **2.4- Globalização**

"Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia." (Lulú Santos)

O extremo dinamismo que caracteriza o nosso tempo, é implacável. Uma quantidade cada vez maior de pessoas vivem unindo práticas locais a relações sociais globalizadas.

O que isto significa em termos de pressão psíquica? O que o estado da arte da pesquisa sobre organizações virtuais tem a dizer? O que afirma a psicologia do trabalho?

Monteiro e Caetano (1995), respondem em parte, quando dizem que estar atento ao movimento afetivo do trabalhador implica em estar atento, ao mesmo tempo ao significado existencial e pessoal do trabalho. Pensar o trabalho sob a ótica de quem trabalha é um caminho para apreendê-lo no interior da vivência e do significado desta vivência.

O século XX encontrou na Educação à Distância - EAD uma alternativa, uma opção às exigências sociais e pedagógicas, contando com o apoio dos avanços das novas tecnologias da informação e da comunicação. A EAD passou a ocupar uma posição instrumental para satisfazer as amplas e diversificadas necessidades de qualificação das pessoas adultas. A sua eficácia está, hoje, inegavelmente comprovada. "A Educação à Distância deve ser compreendida como prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento." (Pretti, 1996).

A ação educativa da EAD, portanto, situa-se num contexto global, de novas e urgentes exigências de reconversões profissionais, de aumento de qualidade e quantidade na disseminação da cultura.

Lévy (1993), designa as tecnologias intelectuais como um terreno político fundamental, como lugar e questão de conflitos e de interpretações divergentes. Pois é ao redor dos equipamentos coletivos de percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza, em grande parte, a vida da cidade no cotidiano e que se agencia a subjetividade dos grupos. Não é, portanto, de espantar que vozes contrárias se levantem com relação às práticas e à implantação do Ensino à Distância. Dado tratar-se de um instrumento de formação muito poderoso, os especialistas parecem convergir sobre a necessidade de uma profunda reflexão sobre a ética do seu uso a fim de se evitar que seja instrumentalizado como uma espécie de *big brother* educativo.

## 2.5 - Um novo caminho?

"Não temos um caminho novo, o que temos de novo é o jeito de caminhar no antigo caminho." (Thiago de Melo)

"Atualmente, a metamorfose técnica do coletivo humano nunca esteve tão evidente. As próprias bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificam-se a uma velocidade que todos podem perceber diretamente. [...] As coletividades cognitivas se auto-organizam, se mantêm e se transformam através do envolvimento permanente dos indivíduos que as compõem. Mas estas coletividades não são constituídas apenas por seres humanos. Técnicas de comunicação e de processamento das representações também desempenham nelas um papel igualmente essencial." (Lévy, 1993, p.144).

Segmentos significativos da sociedade temem o surgimento de um "tecnopólio" no qual a individualidade é minada e a liberdade pervertida, como pontuou Postman, em 1992, nos Estados Unidos. Ferramentas e tecnologias são, certamente, indispensáveis a qualquer cultura, mas, segundo ele, tem-se que entendê-las e controlá-las, colocando-as no contexto dos propósitos humanos maiores.

Pedro Demo (1998), diz que, enquanto a teleducação antevê horizontes promissores, a escola e seus professores temem se tornar peças dispensáveis. No entanto, o autor afirma que a instrumentação eletrônica não é, em si, educativa ou formativa. É facilmente informativa, atraente e dinâmica, mas seu impacto educativo provém da ambiência humana implicada no processo formativo, e não dela mesma.

## 2.6 - Razão e Emoção

"O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para defender ou justificar nossas ações." (Maturana, 1997, p.169).

Qualquer manifestação de racionalidade, seja ela considerada louca ou crítica, de acordo com determinados critérios, estará sempre norteada por alguma espécie de desejo, pois é o desejo que a coloca em movimento. Move-se racionalmente a partir de alguma preferência emocional. E é nesse sentido que deve-se associar a noção de "responsabilidade ética" à razão, na medida em que se consideram os desejos e preferências como aquilo que dispõe as pessoas a agir de um modo e não de outro, estabelecendo uma relação dialógica, e não autoritária com as paixões. (Maturana apud Graciano, 1997).

Tomando-se a emoção como alteridade da racionalidade, não há que negá-la, mas aceitá-la, e aceitá-la como alteridade. Maturana (1997), recusa todo discurso ético que vise dominar a afetividade, uma vez que, para ele, dominar e instrumentalizar é negar, anular o outro. Quando aceita-se o outro como legítimo outro, não tenta-se negá-lo ou dominá-lo, simplesmente por isso, pode-se compreendê-lo. É nessa direção que ele caminha, a de apontar como cega a razão que nega as emoções, dando uma nova dimensão e lugar à afetividade.

Freqüentemente se contrapõem os termos "emoção" e "razão", sendo eles tratados como dimensões antagônicas do espaço psíquico humano. Segundo Maturana (1991), todo sistema racional será um sistema discursivo coerente que resulta da aplicação recursiva de algumas premissas básicas aceitas aprioristicamente. Uma vez que as premissas sobre as quais se

sustenta um sistema discursivo são aceitas de forma a priori, elas não são frutos do operar racional e, portanto, consistem em premissas não racionais.

"[...] o que o observador distingue como racionalidade (...) é uma característica constitutiva inevitável das coerências operacionais da linguagem (...) o que faz com que um argumento particular seja racional é sua construção impecável de acordo com as coerências operacionais do domínio particular de realidade no qual o observador o apresenta como uma característica de sua práxis de viver na linguagem. Segue-se daí que há tantos domínios de racionalidade quantos domínios de realidade forem feitos emergir pelo observador em sua práxis de viver como observador. (...) De fato, é por isso que cada domínio de realidade é também um domínio de racionalidade. Ainda em outras palavras, a coerência da operação do observador na linguagem, na medida em que ele, ou ela, constitui um domínio de realidade em sua explicação de sua práxis do viver, também constitui e valida a racionalidade do observador na explicação daquele domínio de realidade." (Maturana, 1991, p.304).

Em consequência, se traz à tona distintas realidades, ao operar através de distintos sistemas racionais, nem o que se aponta como razão, nem o que se aponta como real, podem justificar esses argumentos. A "razão" e o "real" são, também, argumentos que subsistem e se justificam mutuamente, em um determinado contexto de coerências operacionais que surgem ao se decidir aceitar determinadas premissas como princípios.

Uma vez que a decisão por alguns princípios é sempre uma decisão a priori, esse ato consiste em um ato de "vontade". É por isso que Maturana (1997), afirma que o fundamento da razão não se encontra nela mesma, mas, sim, na emoção. Maturana (1997), define "emoções" como disposições corporais para um agir: justifica essa definição, apontando que, na vida

cotidiana, o que distingue-se com a palavra "emoção" são condutas, domínios de ações através das quais o homem se move. Ou seja, quando as emoções mudam, mudam as ações e vice-versa:

"[...] o que conotamos quando falamos de emoções são distintos domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam. Por isso mesmo afirmo que não há ação humana sem uma emoção que a funda enquanto tal e a faz possível como ato." (Maturana, 1997 p.319).

Ele alega, também, que a dificuldade em se aceitar a emoção como fundamento da racionalidade encontra-se no fato de acreditar-se que as emoções implicam no caos da desrazão, onde tudo é possível e válido. Não obstante, para ele, o caos surge apenas quando perde-se a referência emocional e não realiza-se o que se quer e se pode realizar, fluindo no viver através de emoções contraditórias.

As emoções não constituem um limite da razão, mas são a sua condição de possibilidade. Não reconhecer o fundamento emocional do racional é fazer dos conceitos uma espécie de viseira que limita a nossa reflexão sobre eles. Geralmente não reflete-se sobre os conceitos porque estes são aceitos como se significassem algo em si, exatamente pela universalidade que julga-se-lhe intrínseca.

Nos humanos, o fluir das emoções se entrelaça com o fluir na linguagem em uma história de inter-relações com outros seres humanos. Emoções e linguagem se entrelaçam na medida em que o fluir na linguagem altera o emocional e estas emoções dispõem a distintos modos de colocar-se na

linguagem, por isso Maturana define o "conversar", como este entrelaçamento entre emoções e linguagem, destacando que é através do conversar que novos domínios de consensualidade irão surgir.

"Conversações: entrelaçamento do linguajar e do emocionar no qual surgem todas as atividades humanas. Nós seres humanos, existimos no conversar, e tudo o que fazemos enquanto tais, surge em conversações e redes de conversações: diferentes culturas são distintas redes fechadas de conversações, que realizam outras tantas maneiras distintas de viver humano como distintas configurações de entrelaçamento do linguajar e do emocionar." (Maturana, 1999, p.37.)

Dizer-se neutro é só uma maneira de isentar-se da responsabilidade do mundo que configura-se no viver na linguagem com outros seres humanos. Como ensina Maturana, são seres que se constituem num sistema autopoietico, e "o ser e o fazer" de um sistema vivo são inseparáveis, na medida em que não há separação entre produtor e produto em uma unidade autopoietica.

E sobre os coletivos e suas produções, assim se expressa Levy (1993, p.96):

"A produção do coletivo é sempre ambígua, polissêmica, aberta à interpretação. De certa forma, a tecnopolítica já ocorre nas reinterpretções, nos desvios, nos conflitos, nas alianças e compromissos aos quais se dedicam os operadores do coletivo." (Levy, 1993, p.96.)

## **2.7 - Sofrimento e prazer no teletrabalho**

Dejours (1994), fala de desejos, medos, angústias, ansiedades, prazer e sofrimento psíquico recorrendo tanto à clínica como à teoria psicanalítica como

pontos referenciais, na abordagem das questões que dizem respeito à organização do trabalho e seus impactos sobre a saúde mental. Ele afirma que "o trabalho não é sempre patogênico, ele tem, ao contrário, um poder "estruturante" em face tanto da saúde mental, como da saúde física." (Dejours, 1994, p.46).

A psicanálise atribui ao meio ambiente uma função de fator desencadeante ou de revelador em face a síndromes ou patologias.

Para penetrar no campo da relação, trabalho e saúde mental será necessário considerar, antes de tudo dentro do trabalho, aquilo que o especifica como "relação social" e aí, tentar articular um modelo de funcionamento psíquico, que constitua um lugar teórico específico para a interface entre singular e coletivo.

"A investigação sobre sofrimento e prazer no trabalho, toma como o centro de gravidade os conflitos que surgem do encontro entre sujeito, portador de uma história singular preexistente a este encontro e situação de trabalho cujas características são, em grande parte, fixadas independentemente da vontade do sujeito. Isto implica partir de uma subjetividade já constituída, que vai, em um tempo geneticamente ulterior, ser exposta à realidade do trabalho atual. Isto significa que o sujeito e a realidade do trabalho possam ser transformados pelo efeito de uma suplementação de subjetividade." (Dejours, 1994 p. 31).

O trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. O trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção do sentido e, portanto, de conquista da identidade e da continuidade histórica do sujeito.



O trabalho é encarnado, ou seja, a significação atravessa o corpo mesmo do trabalhador. Os movimentos, os gestos, o esforço, a atenção, a audição, o olfato, o paladar, visão, valores, são também determinados simbolicamente e têm uma função simbólica na vida do trabalhador. Para a psicanálise, o corpo não é somente um corpo biológico, é também um corpo emocional, psíquico e dramatizado.

A rigidez de uma organização é a mais perniciosa e patogênica das situações para o trabalhador pois, impede a atividade criativa por não ceder espaço para inovação e invenção na concepção do trabalho. Em contrapartida, se ao trabalhador é permitido desenvolver engenhosamente a atividade de concepção, ele pode modificar-se e re-modificar quantas vezes forem necessárias a relação homem-trabalho e torná-la fonte de prazer.

Os resultados apresentados neste trabalho podem servir para ratificar a percepção de que o mundo não é feito de forças separadas, sem relação entre si. Quando se introjeta esta percepção, é possível construir "as organizações que aprendem", como diz Senge (1988), organizações nas quais as pessoas expandem continuamente sua capacidade de criar os resultados que realmente desejam, onde se estimulam padrões de pensamentos novos e abrangentes, e onde a aspiração coletiva ganha liberdade e as pessoas aprendem continuamente juntas.

Senge (1988), aponta cinco novas "tecnologias componentes", que embora desenvolvidas em separado se convergem e são vitais na construção

de organizações capazes de aprender. Funcionam como o sol, na alegoria da caverna. A "quinta disciplina", como define Senge (1988), é o pensamento sistêmico.

O pensamento sistêmico é um quadro de referência conceitual, um conjunto de conhecimentos e ferramentas que tenta esclarecer os padrões como um todo, onde as empresas e os outros feitos humanos também são sistemas e estão conectados por fios invisíveis de ações inter-relacionadas, e todos fazem parte desse tecido.

A nova forma pela qual os indivíduos se percebem e ao seu mundo, é possível por estarmos conectados numa grande rede. Numa grande caverna, diria Platão. As equipes são microcosmos de organização maior dentro da visão sistêmica.

A parábola da caverna, escrita no século IV A.C., discute as relações entre aparência, realidade e conhecimento. Platão desenvolve as idéias de seu mestre Sócrates tornando-as um marco filosófico, no pensamento ocidental, sobre processos de mudança social, educação e desenvolvimento. É sobre isto que Senge (1988), fala em sua obra.

Difícilmente tem-se plena certeza das coisas. Vive-se repleto de dúvidas. A maior parte das informações e opiniões já vêm prontas, empacotadas. São adotadas sem análise. Inseridos num mundo de contornos precisos, que mal se conhece, corre-se o risco de não se desenvolver todo o potencial, nem de se relacionar adequadamente com os companheiros de caverna, também eles tornados estranhos.

O que se ensina e se transmite nas organizações também está repleto de sombras com pretensão a ser realidade. Bombardeados diariamente por milhares de imagens, idéias, símbolos que reunidos em diversas representações do social, do cultural constituem as sombras da caverna que dão as fórmulas de felicidade, amor, do bem e do mal, das imagens de si e de mundo.

Drucker (1974), conta uma estória sobre dificuldade de transformar decisão em ação, quando há preocupações, quanto às conseqüências desta ação:

"Há duas espécies diferentes de arranjos. Uma das espécies é exemplificada pelo velho provérbio: 'meio pão é melhor que nenhum'. A outra é a estória do Julgamento de Salomão, que foi claramente baseada na compreensão de que: 'meia criança é pior do que nenhuma'. No primeiro caso, as condições-limite ainda estão sendo satisfeitas. A finalidade do pão é o alimentar, e a metade de um pão ainda é alimentar. Meia criança, porém, não satisfaz as condições-limite, pois meia criança não é a metade de uma criança que vive e cresce. É um cadáver dividido em dois pedaços." (Drucker, 1974, p.146).

Nunca fez-se tantos esforços para se democratizar a educação como agora. Justifica-se procurar os fatos e dados, razão e emoção, no momento mesmo que eles acontecem entendendo todo seu dinamismo, como este trabalho reportou-se, principalmente quando as ações se dão no cenário de uma instituição de ensino. As escolas perderam seu papel de vanguarda quanto ao uso da tecnologia. Foram ultrapassadas pelas famílias e empresas no uso do computador.

"A educação nunca foi tão valorizada como agora, quando tem, ao mesmo tempo, de enfrentar um dos mais formidáveis desafios. Os conceitos de 'escola' como local de aprendizado, 'mestre' como fonte do saber, 'aluno' como objeto do aprendizado e as tradicionais 'disciplinas' nunca foram tão

questionados. Por este motivo, o enfoque da educação tecnológica tem que contemplar a capacitação tecnológica e a valorização do ser humano no processo, mais do que o enfoque na tecnologia de ponta" (Grinspun, 1999, p.221).

## **2.8 - Conclusão**

O capítulo procurou mostrar que se torna incompleto o estudo da implantação de novas tecnologias, no âmbito da sociedade em geral ou das instituições em particular, se não for realizada uma análise das inter-relações destas tecnologias com algumas variáveis de caráter gerencial e psico-social. Para tanto, analisa-se, em primeiro lugar o homem face à mudanças, principalmente as impostas pela tecnologia e depois discute-se o importante conceito de 'tecnopólio' pois, os homens se constituem num sistema autopoietico, e "o ser e o fazer" de um sistema vivo são inseparáveis, na medida em que não há separação entre produtor e produto em uma unidade autopoietica.

Apreciou-se no âmbito das organizações, alguns efeitos causados por processos psico-sociais, pela globalização e pela teleducação na tentativa de ratificar a percepção de que o mundo não é feito de forças separadas, sem relação entre si, o que torna possível organizações nas quais as pessoas expandem continuamente sua capacidade de criar os resultados que realmente desejam, onde se estimulam padrões de pensamentos novos e abrangentes, e onde a aspiração coletiva ganha liberdade e as pessoas aprendem continuamente juntas num processo sistêmico.

## **CAPÍTULO 3**

### **O CAMPO E A PESQUISA**

**"Agora, eu, sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar..." (Guimarães Rosa, 1963, p.543.)**

**O Curso de Psicologia do UNP, apresenta um quadro docente composto de 84 professores, 950 alunos no curso noturno e 350 alunos pela manhã. O Curso de Psicologia tem duração de 5 anos, divididos em 10 períodos.**

**A escolha dos sujeitos: escolheram-se dez alunos, um aluno de cada período do Curso de Psicologia (turno noturno) selecionados aleatoriamente nos dez períodos. Esse procedimento deve-se ao fato de que, estes sujeitos apresentam diferenças etárias e de experiência no uso do computador. Escolheram-se dez professores. Os professores foram selecionados de modo a constituir uma amostra em que estivessem presentes sujeitos com hábitos diversificados em relação ao uso do computador, e por isso, optou-se por três professores em início de carreira, três no meio, três em final de carreira e um aleatoriamente.**

A todos os entrevistados forneceu-se informações sobre os objetivos gerais da pesquisa, referindo-se ao quadro acadêmico em que esta se inscreve. Garantiu-se aos sujeitos o anonimato.

Solicitou-se no primeiro contato com os sujeitos, sua disponibilidade para serem entrevistados no mínimo duas vezes, condição indispensável para participação.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Instituição, campo deste trabalho, com uma duração média de 30 minutos cada.

O roteiro utilizado neste trabalho seguiu de perto as orientações apresentadas por Abric (1994), quanto a coleta e identificação do conteúdo das representações para contextualização do objeto.

Para validar este trabalho, aplicou-se entrevistas semi-diretivas aos sujeitos (anexo A), possibilitando-lhes respostas projetivas, cujo objetivo era de construir uma lista de descritores.

Procurou-se extrair das respostas ao questionário, estruturas de frases e expressões características de certos sentimentos. Observou-se neste sentido :

- o vocabulário (ex.: "é massa"; "é legal", "massante").
- os graus de afirmação ( maior ou menor expressão de certeza. Ex: "eu acho"; "pra mim é"; "eu diria que" " não sinto nada").
- Comentários confusos (ex: "pode ser"; "não sei"; "não tenho certeza").

- Qualidade geral da resposta (ex: concreta, abstrata, figurada).
- O tom e o clima da resposta (ex: impessoal, doutoral, uso de gíria).
- Interesses e sentimentos (tratou-se de isolar atitudes positivas e negativas frente a questões propostas, ex.: "é muito útil"; "sinto raiva" "tenho afinidade, "sinto frustração", "fico nervoso", "me dá satisfação").

### **3.1 - Justificativa da escolha dos descritores**

Apresenta-se a seguir citações de frases e expressões dos sujeitos da pesquisa que originaram a escolha semântica dos descritores (em negrito):

- **Necessidade**

"Necessidade profissional, já que é uma exigência do mercado de trabalho..."

"Necessidade de conservar o meu emprego"

"Preciso para bater os meus textos e digitar as notas do diário *on line*"

"Por causa do Mestrado, fui obrigado a usar o computador"

- **Agilidade**

"É justamente isso, ele agiliza o trabalho, tendo a consequência de um tempo maior para execução de outras tarefas".

"Como ferramenta de trabalho agiliza, possibilita por exemplo corrigir o texto sem ter que digitar tudo de novo."

"Permite maior fluxo, fluidez de idéias".

- **Comunicação**

"Não precisa ir ao banco, devido ao sistema de comunicação."a rede eu quero mandar um texto para Espanha, mando via Internet, mais rápido, mais econômico."

"Abriu perspectiva de correspondência para o mundo inteiro, no momento que as coisas estão acontecendo."

- **Cuiosidade**

"Gosto de descobrir coisas"

"Gosto de navegar pelo *cyberespaço* para achar coisas"

- **Prático**

"Uai, facilidade de escrever, imprimir, editar textos, coloca-los no mercado, super pratico, mais econômico".

"Aprendi a usar o computador por causa da facilidade e praticidade na edição de texto".

"Aprendi a usar o computador pela praticidade como instrumento de trabalho "

- **Diminui trabalho**

"Diminui, porque eu digito direto o texto corrijo, é um instrumento muito eficaz..."

"Diminui horas, pois é ágil e eficaz.



"Fazer mais coisas em menos tempo, o que levou ao aumento da qualidade do meu trabalho."

"Diminuiu muito minha carga de trabalho."

- **Informação**

"Acesso a informação globalizada, rápida"

"Acho positivo como material para buscar informações..."

"É bom, é um instrumento que lhe possibilita acesso a informações."

- **Interesse**

"Me preocupo com a globalização...quero estar ligado".

"O computador me hipnotiza".

"Tenho interesse pela Internet, para pesquisa".

- **Lazer**

"No tempo livre serve como distração, divertimento, até mesmo pelo tipo de atividades realizadas..."

"Para lazer um pouco, gosto dos joguinhos e entrar na Internet"

- **Satisfação**

"Tenho sentimentos de satisfação, acho que é moderno, que é bacana, aí eu fico me achando moderna também..."

"Tenho muita satisfação no uso do computador"

"Sou absolutamente encantado"

- **Otimiza trabalho**

"Rapidez na execução e trabalhos e praticidade".

"Facilidade ao desenvolver trabalhos escolares"

- **Afinidade**

"Tenho afinidade com a máquina aprendi a pensar, a fazer um texto poético mesmo no computador, coisa que eu achava não ser possível."

"Antes eu escrevia no papel para depois digitar, hoje vou direto."

- **Aumento de trabalho**

"Vai aumentar, não vai diminuir, por exemplo, sou 'plugado' 24 horas.

"Trabalhão, e-mail, para responder, cuidado para não ter vírus."

- **Raiva**

" Às vezes sofro com as falhas do computador"

"Quando a gente mais precisa ele trava...dá raiva"

"Fico danado da vida quando ele pega vírus."

"É o domínio tecnológico, impositivo..."

"Não tenho prazer no uso do computador."

- **Dores no corpo**

"Traz problemas de vista e dor no corpo."

"O corpo às vezes fica cansado, de acordo com a posição, o tempo de uso do computador..."

"Não gosto de ler na tela, detesto, a vista cansa, me dá uma tontura..."

"Dores nas costas, na nuca, sonolência..."

- **Frustração**

"É uma máquina que falha como qualquer outra... às vezes sofro desse impasse, porque ele é falível."

"Quando ele começa a dar pau, como dizem ai, quando tem vírus. Dá uma sensação ruim, como se eu perdesse o controle da máquina e das minhas próprias coisas, que estão ali..."

"Tecnologia, imposição, frustração..."

"Já tive uma resistência brutal, agora me cansa, me aborrece."

"É uma imposição , isso não me agrada."

- **Nervoso**

"Fico muito nervosa e chateada quando não sei o que fazer com ele".

" quando me deparo com algum problema que não sei resolver fico nervoso."

- **Insatisfação**

"O computador tem muitas informação que não temos acesso, não temos esclarecimentos, não sabemos para que serve e isso dá uma insatisfação muito grande."

"Tenho insatisfação quando quero fazer algo e não consigo."

"É chato mesmo".

"Computa-dor...é a gente computa também a dor, no computador".

- **Maçante**

"Não gosto de ficar muito no computador acho maçante".

"Não sou viciado, faço o que tenho que fazer e só".

"Acho muito bacana, mas ...maçante, chato mesmo!"

"Às vezes acho um saco..."

- **Ansiedade**

"Eu ainda tenho uma certa ansiedade, principalmente porque... eu não domino a tecnologia."

"...me provoca angústia, medo de perder meus arquivos".

Realizadas as análises de conteúdo semântico, e contagem numérica, construiu-se uma lista de *palavras descritoras*. Com elas, construí-se os quadros 2, 3 e 4 apresentados a seguir .

Nos quadros 2 e 3 apresentam-se os descritores originados das respostas ao questionário semi-estruturado com o grupo de professores e alunos. No quadro 4 apresentam-se os *descritores comuns* aos grupos de professores e alunos.

• **Quadro 3 - 24 Descritores originados dos questionários semi-diretivos com o grupo de 10 professores**

Praticidade	Frustração	Internet	Irritante
Agiliza o Trabalho	Entusiasmo	Fluidez de Idéias	Facilita a Vida
Informação	Raiva	Economia de Tempo	Curiosidade
Organizador	Angústia	Necessidade Profissional	Cansaço
Ferramenta	Medo de Perder Arquivos	Contato com o Mundo	Dores no Corpo
Pesquisa	Problema de Vista	Sistema de Comunicação	Lazer

**Fonte:** Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

- **Quadro 4 - 24 Descritores originados dos questionários semi-diretivos com o grupo de 10 alunos**

Praticidade	Internet	Sobrecarga	Irritante
Agiliza o Trabalho	Lazer	Entusiasmo	Facilita a Vida
Informação	Economia de tempo	Raiva	Curiosidade
Frustração	Necessidade de Mercado	Organizador	Cansaço
Afinidade	Contato com o Mundo	Angústia	Dores no Corpo
Pesquisa	Sistema de Comunicação	Maçante	Problema de Vista

**Fonte:** Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

- **Quadro 5 - Descritores comuns aos dois grupos**

Afinidade	Curiosidade	Insatisfação	Nervoso
Agilidade	Diminui trabalho	Interesse	Otimiza o trabalho
Ansiedade	Dores no Corpo	Lazer	Prático
Aumento de Trabalho	Frustração	Maçante	Raiva
Comunicação	Informação	Necessidade	Satisfação

**Fonte:** Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

"[...] em todo estudo de representação, constata-se que certas cognições, designadas por seu rótulo verbal, aparecem mais freqüentemente do que outras no discurso dos sujeitos. Esse fenômeno de saliência, que aparece geralmente associado ao *status* central de certas cognições, não deve

surpreender. É uma consequência esperada da teoria. Mais precisamente, a saliência é uma consequência do valor simbólico das cognições centrais." (Moliner, 1994 p. 208).

Da mesma forma que o valor simbólico de uma cognição central leva a que as palavras que a designam sejam freqüentemente evocadas, também o seu forte poder associativo se manifesta quantitativamente, no caso por uma elevada conexidade. A seguir, no Quadro 6 - Demonstrativo da freqüência das escolhas efetuadas pelo grupo de Alunos, constatou-se que salientam-se 7 descritores, no grupo de alunos, como candidatos a *núcleo central*, ou *princípio organizador*, dada a elevada pontuação média que lhes corresponde (sombreados na tabela): Necessidades, Agilidade, Comunicação, Curiosidade, Prático, Diminuir trabalho, Informação.

Para a discussão do objetivo, as análises foram processadas com vista a entender os elementos que admitiu-se como centrais, ou seja, aqueles que organizam e dão significação à representação: para o grupo de alunos os *descritores do eixo central* do uso do computador ficou como: necessidade, agilidade, comunicação, curiosidade, praticidade e fonte de informação. Para o grupo de professores os descritores do eixo central do uso do computador ficou como: prático, otimiza trabalho, agilidade, fonte de informação, interesse e necessidade -Quadros 7, e 9.

- **Quadro 6 - Demonstrativo da frequência das escolhas efetuadas pelo grupo de Alunos.**

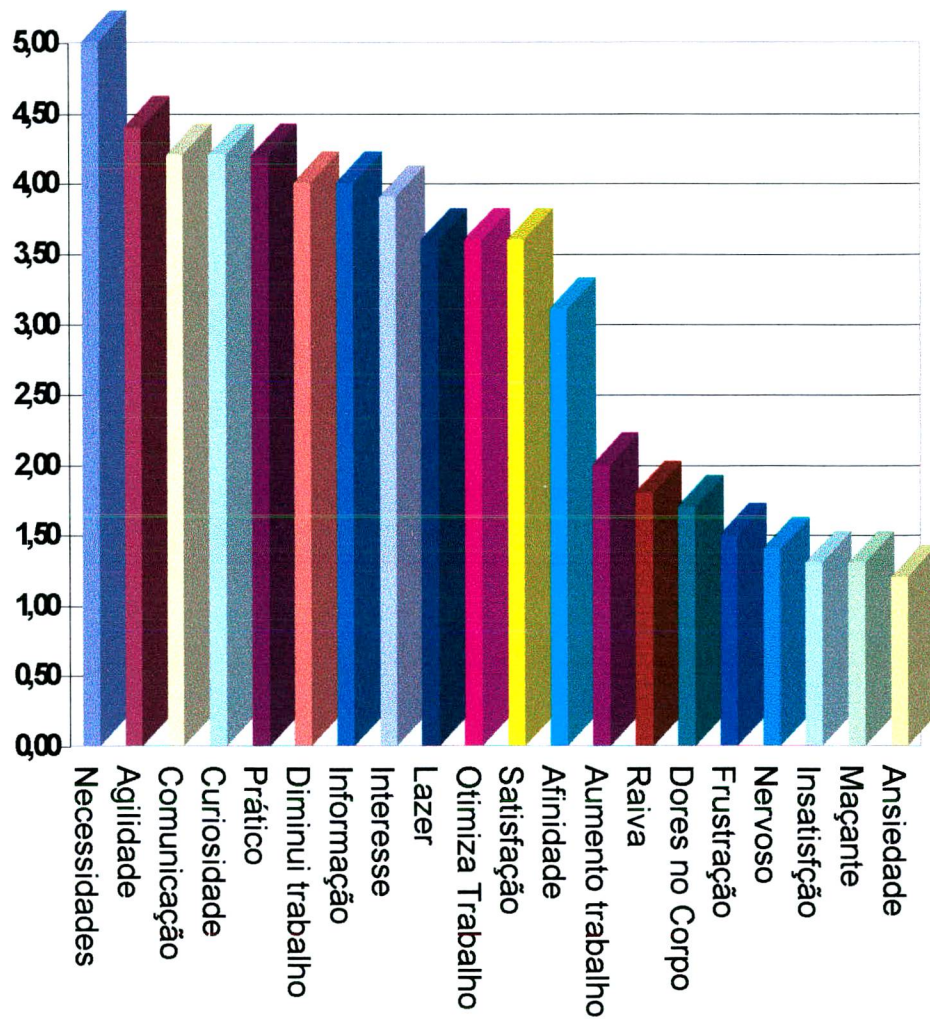
Descritores	Suj. 1	Suj. 2	Suj. 3	Suj. 4	Suj. 5	Suj. 6	Suj. 7	Suj. 8	Suj. 9	Suj. 10	Total	Média
Necessidades	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50	5,00
Agilidade	4	3	4	5	5	5	5	4	5	4	44	4,40
Comunicação	5	5	5	3	3	3	3	5	5	5	42	4,20
Curiosidade	4	4	5	4	4	4	5	5	3	4	42	4,20
Prático	5	4	3	5	4	3	4	4	5	5	42	4,20
Diminui trabalho	4	4	5	4	5	4	4	2	4	4	40	4,00
Informação	5	5	3	5	3	3	3	5	4	4	40	4,00
Interesse	4	5	4	3	3	4	5	4	4	3	39	3,90
Lazer	3	4	4	4	4	3	4	4	3	3	36	3,60
Otimiza Trabalho	3	3	4	3	4	5	4	3	4	3	36	3,60
Satisfação	2	3	3	4	5	5	3	3	3	5	36	3,60
Afinidade	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	31	3,10
Aumento trabalho	2	2	2	2	2	2	1	3	2	2	20	2,00
Raiva	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	18	1,80
Dores no Corpo	3	2	1	2	1	1	2	2	1	2	17	1,70
Frustração	2	2	2	2	1	2	1	1	1	1	15	1,50
Nervoso	1	1	2	1	2	2	1	1	2	1	14	1,40
Insatisfação	1	1	1	1	2	1	1	2	2	1	13	1,30
Maçante	2	1	1	2	1	1	2	1	1	1	13	1,30
Ansiedade	1	1	1	1	1	1	2	1	1	2	12	1,20
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>600</b>	<b>60,00</b>

Fonte: Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.



A seguir apresenta-se a Figura 1 com gráfico 1, que demonstra o valor médio dos descritores, no grupo de alunos.

**Figura 1 - Gráfico 1 - Valor médio dos descritres - Grupo de Alunos**



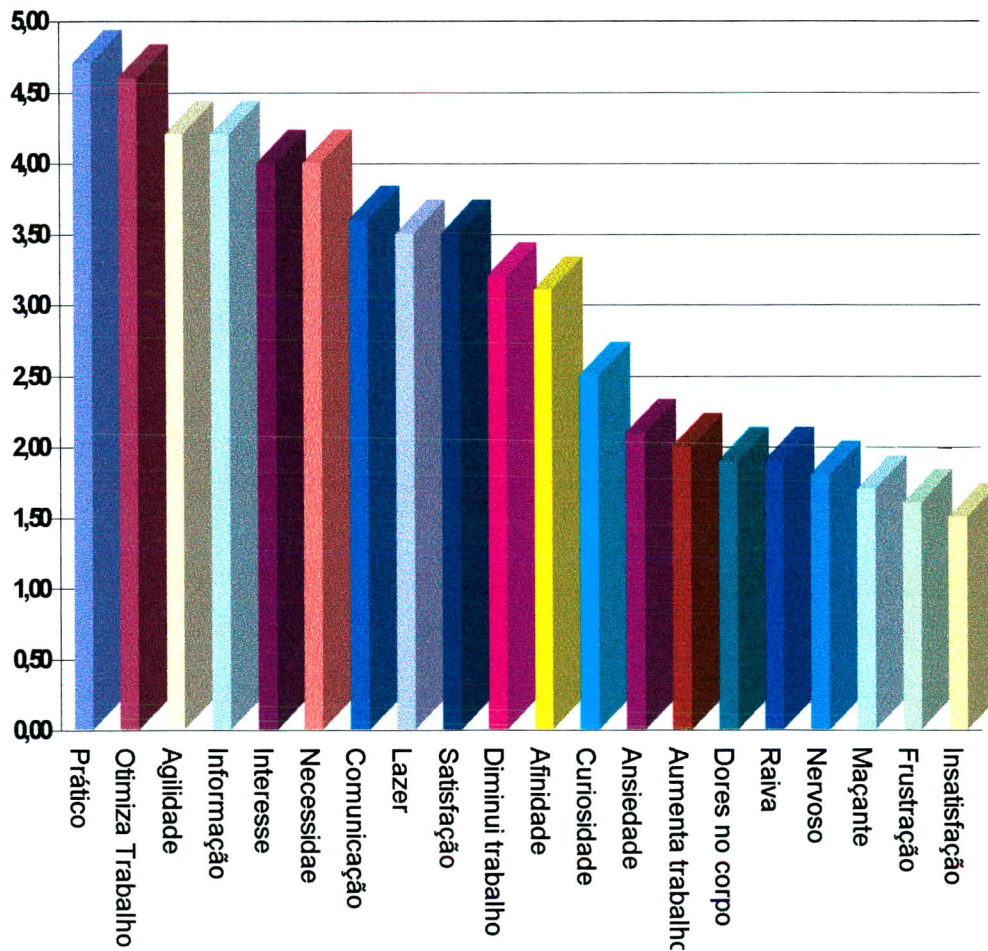
• **Quadro 7 - Demonstrativo da frequência das escolhas efetuadas pelo grupo de Professores**

Fonte: Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

Descritores	Suj.1	Suj.2	Suj.3	Suj.4	Suj.5	Suj.6	Suj.7	Suj.8	Suj.9	Suj.10	Total	Média
Prático	5	5	5	5	4	5	5	5	5	3	47	4,70
Otimiza Trabalho	3	5	5	5	5	5	4	4	5	5	46	4,60
Agilidade	5	4	4	4	1	5	5	5	4	5	42	4,20
Informação	5	4	4	1	5	4	4	5	5	5	42	4,20
Interesse	4	5	4	5	5	4	4	3	1	5	40	4,00
Necessidades	4	3	5	5	1	5	4	5	5	3	40	4,00
Comunicação	5	3	1	4	4	2	5	4	4	4	36	3,60
Lazer	4	4	3	4	4	3	3	3	3	4	35	3,50
Satisfação	3	5	3	1	5	4	3	4	3	4	35	3,50
Diminui trabalho	3	3	4	2	1	3	5	4	4	3	32	3,20
Afinidade	4	4	2	3	1	4	3	3	3	4	31	3,10
Curiosidade	3	3	1	1	4	3	3	3	1	3	25	2,50
Aumento trabalho	2	1	2	4	2	3	2	2	3	2	23	2,30
Ansiedade	2	2	2	2	2	2	1	2	4	2	21	2,10
Dores no Corpo	1	2	5	1	3	2	1	1	2	1	19	1,90
Raiva	2	1	3	3	3	1	2	2	1	1	19	1,90
Maçante	1	2	3	3	2	2	2	1	1	1	18	1,80
Nervoso	1	2	2	3	3	1	1	1	2	2	18	1,80
Frustração	1	1	1	2	3	1	1	2	2	2	16	1,60
Insatisfação	2	1	1	2	2	1	2	1	2	1	15	1,50
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	<b>600</b>	<b>60,0</b>

A seguir apresenta-se a Figura 2, com o gráfico que demonstra o valor médio dos descritores, no grupo de professores.

• **Figura 2 - Gráfico 2 - Valor Médio dos Descritores - Grupo de Professores**



Trabalhou-se a média de 60% do maior valor, que é 5, obtendo-se então o valor de 3.

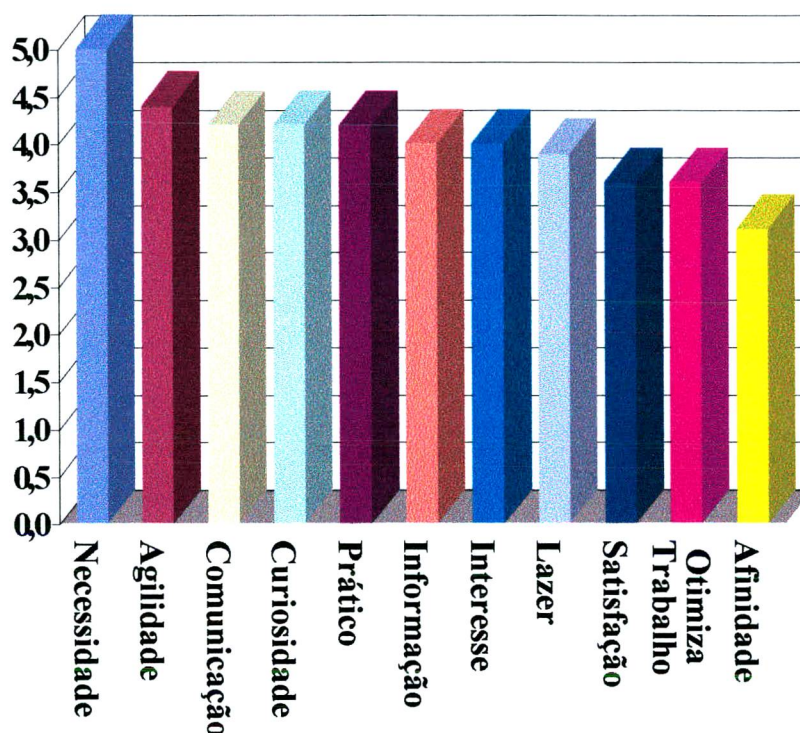
Neste contexto procurou-se identificar no grupo de alunos, os candidatos ao núcleo central, pelo *rang* médio  $\geq 3$ , conforme se depreende do quadro 8, que evidencia os elementos estruturadores do campo representacional dos sujeitos em estudo.

- **Quadro 8 - Descritores que ficaram com valores  $\geq 3$ , no grupo de alunos**

Necessidade	5.00
Agilidade	4.40
Comunicação	4.20
Curiosidade	4.20
Prático	4.20
Diminui trabalho	4.00
Informação	4.00
Interesse	3.90
Lazer	3.60
Satisfação	3.60
Otimiza Trabalho	3.60
Afinidade	3.10

**Fonte:** Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

- **Figura 3 - Gráfico 3 - Média  $\geq 3$  - Grupo de alunos**



Escolheu-se como média, valores  $\geq 3$ , pois o foco desta pesquisa é o eixo central ou ponto mediano, uma vez que o ponto mediano indica maior representatividade quanto à escolha da população pesquisada.

Neste contexto procurou-se identificar no grupo de alunos, os candidatos ao núcleo central, pelo rang médio  $> 3$ . Esses dados evidenciam os elementos estruturadores do campo representacional dos sujeitos em estudo.

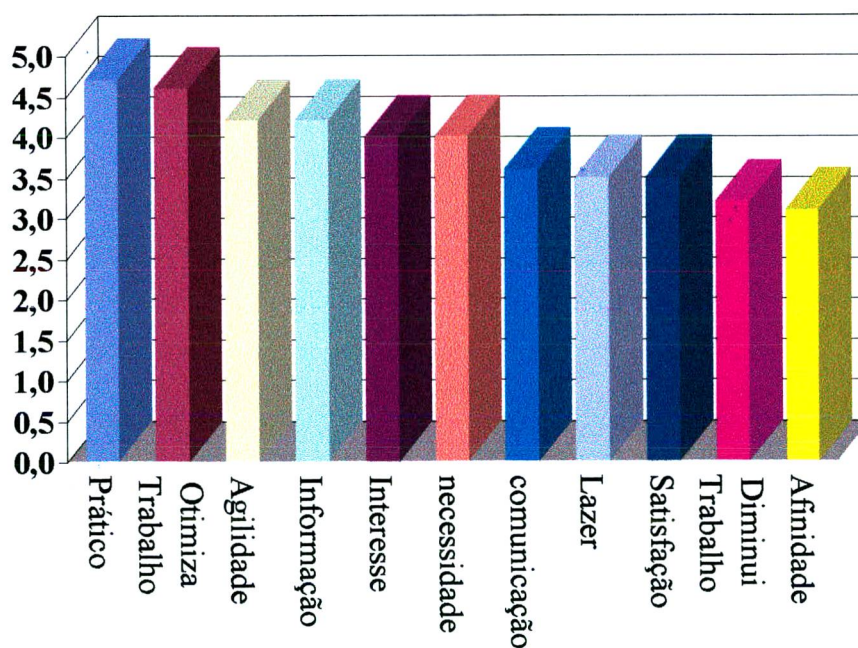
Apresentamos a seguir o Quadro 9 - Demonstrativo de descritores, no grupo de professores, com escore  $\geq 3$

• **Quadro 9 - Descritores do grupo de Professores -  $\geq 3$**

Prático	4.7
Otimiza Trabalho	4.6
Agilidade	4.2
Informação	4.2
Interesse	4.0
Necessidades	4.0
Comunicação	3.6
Lazer	3.5
Satisfação	3.5
Diminui trabalho	3.2
Afinidade	3.1

Fonte: Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

**Figura 4 - Gráfico 4 - Média  $\geq 3$  - Grupo de professores.**



Em seguida, no Quadro 10 - Demonstrativo entre o grupo de alunos e professores com valores  $\geq 3$ . Comparou-se o grupo de Descritores dos alunos com o grupo de Descritores dos professores,

**Quadro 10 - Demonstrativo entre os grupos de alunos e professores**

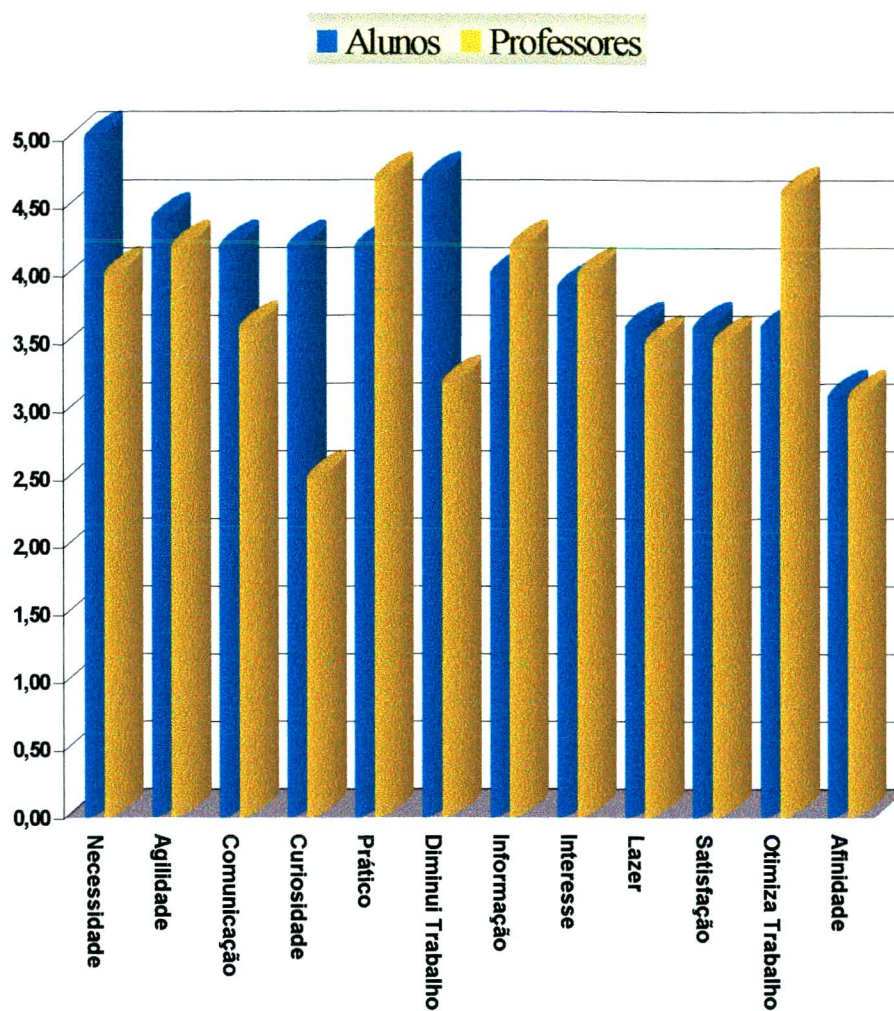
DESCRITORES	ALUNOS	PROFESSORES
Necessidade	5,0	4,0
Agilidade	4,4	4,2
Comunicação	4,2	3,6
Curiosidade	4,2	2,5
Prático	4,2	4,7
Diminui trabalho	4,7	3,2
Informação	4,0	4,2
Interesse	3,9	4,0
Lazer	3,6	3,5
Satisfação	3,6	3,5
Otimiza trabalho	3,6	4,6
Afinidade	3,1	3,1

Note-se que as maiores discrepâncias entre a pontuação dos descritores entre os grupos de alunos e professores encontra-se em: Curiosidade (4.2 e 2.5), com uma diferença de 1,7 pontos; Diminui Trabalho (4.7 e 3.2), com uma diferença de 1,5; Otimiza Trabalho (3.6 e 4.6), com uma diferença de 1,0 e Necessidade (5.0 e 4.0) apresentando também uma diferença de 1.0 ponto. As

menores discrepâncias na pontuação entre os grupos, encontram-se nos descritores Satisfação, Lazer, Interesse, Informação, Comunicação e Agilidade. O que corrobora a constatação de que a ferramenta é bem vista quanto a sua função.

A seguir apresenta-se a Figura 5 com o gráfico comparativo entre os grupos.

- **Figura 5 - Gráfico 5 - Comparação entre grupos de alunos e professores com escore  $\geq 3$**





- **Quadro 11 - Demonstrativo entre os grupos de alunos e professores, com valores abaixo de 50%.**

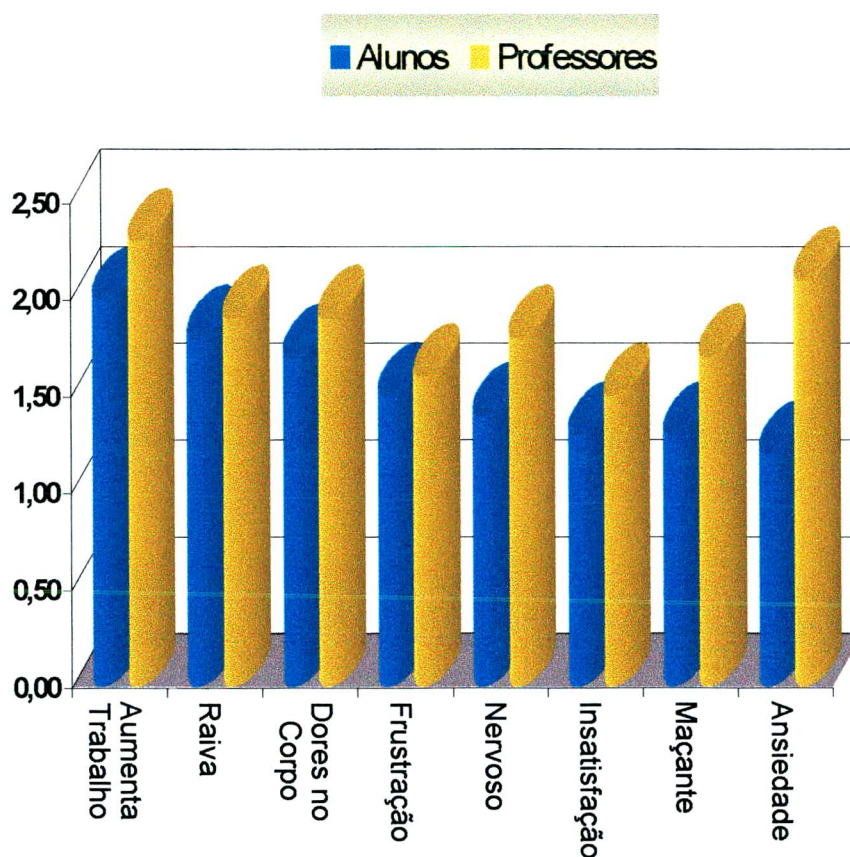
DESCRITOR	ALUNOS	PROFESSORES
Aumento trabalho	2.0	2,3
Raiva	1.8	1,9
Dores no Corpo	1.7	1,9
Frustração	1.5	1,6
Nervoso	1.4	1,8
Insatisfação	1.3	1,5
Maçante	1.3	1,7
Ansiedade	1.2	2,1

**Fonte:** Questionários em anexo, respondido pelo grupo de 10 professores e 10 alunos.

Tende-se a crer que o nível de sofrimento dos professores é maior que o dos alunos, pois, o índice de Ansiedade (2.1), Nervosismo (1.8), Frustração (1.6), Dores no Corpo (1.9), Raiva (1.9), enfado (Maçante) (1.7) e Insatisfação (1.5) no uso do computador, supera o dos alunos, como indica o demonstrativo entre grupos no Quadro 11. A discrepância maior encontra-se na pontuação (2.1) para os professores com relação ao sentimento de Ansiedade frente ao uso do computador para a de (1.2) dos alunos. No entanto o nível de Frustração apresentado por alunos (1.5) e professores (1.6) é quase igual.

Menores diferenças são encontradas entre os índices numéricos dos descritores Nervoso, Insatisfação e Maçante.

- **Figura 6 - Gráfico 6 - Comparação entre os grupos de alunos e professores, com escore abaixo de 50%.**



Nota-se que o índice de Raiva e Frustração frente ao uso do computador entre o grupo de professores e o grupo de alunos é quase igual. A maior discrepância encontra-se no índice de Ansiedade e Nervosismo, onde os professores superam os alunos. Os professores também sentem como mais maçante o uso do computador. Quanto ao descritor Dores no Corpo, a diferença entre os grupos é pequena.

Para a discussão do objetivo, as análises foram processadas com vista a entender os elementos que admitiu-se como centrais, ou seja, aqueles que organizam e dão significação à representação.

Para o grupo de professores os *descritores do eixo central* do uso do computador ficou como: Prático, Otimiza o Trabalho, Agilidade, Informação.

Para o grupo de alunos os *descritores do eixo central* do uso do computador ficou como: Necessidade, Agilidade Comunicação, Prático e Curiosidade.

*Praticidade* alcançou a maior pontuação entre os professores com 4.7 pontos, enquanto que, *Necessidade* com 5.0, foi a mais expressiva entre os alunos.

*Otimiza Trabalho*, segundo descritor mais escolhido pelos professores e cuja pontuação foi 4.6, está como o décimo lugar na escolha dos alunos com pontuação de 3.6.

O computador usado para *Comunicação*, ocupa a terceira escolha dos alunos com 4.2 de pontuação enquanto que para os professores é a sétima escolha com valor de 3.6.

*Curiosidade*, com relação ao computador, tem uma pontuação de 4.2 e é a quarta escolha para alunos, enquanto que, os professores apresentam uma pontuação de 2.5 e é sua décima segunda escolha.

Quanto a *Agilidade* do computador, os alunos têm uma pontuação de 4.4 e é sua segunda maior escolha, ao passo que os professores apresentam como sua terceira escolha com pontuação 4.2.

### **3.2- Paradoxos e aspectos psicológicos**

"Nós seres humanos, existimos no conversar, e tudo o que fazemos enquanto tais, surge em conversações e redes de conversações." (Maturana, 1999,p.37).

A seguir será apresentada uma leitura, de alguns paradoxos e aspectos psicológicos que atravessam os discursos. As frases dos sujeitos estão citadas entre aspas:

- **Indícios de resistência ao uso do computador**

"A investigação sobre sofrimento e prazer no trabalho, toma como o centro de gravidade os conflitos que surgem do encontro entre sujeito, portador de uma história singular preexistente a este encontro e situação de trabalho cujas características são, em grande parte, fixadas independentemente da vontade do sujeito." (Dejours, 1994 p.31).

"Considero uma imposição o uso do computador".

"É o domínio tecnológico impositivo".

"Utilizo porque preciso, não gosto muito".

"Computa-dor... com muita dor".

- **Sensação de disponibilidade quase que permanente em face ao empregador**

"De certa forma, a tecnopolítica já ocorre nas reinterpretações, nos desvios, nos conflitos, nas alianças e compromissos aos quais se dedicam os operadores do coletivo." (Levy, 1993, p.96.).

"Fico 'plugado' 24 horas."

"Agora você é obrigado a estar re-trabalhando seu material todo, não importa onde você vá arranjar tempo."

"Eu trabalho muito mais agora, há uma invasão no meu tempo livre para responder os e-mail dos alunos."

- **Sentimento de não se estar valorizando adequadamente a formação acadêmica.**

"A produção do coletivo é sempre ambígua, polissêmica, aberta à interpretação."  
(Levy, 1993, p.96).

"Quando fizerem seleção para admissão de professores, vai passar a ser eliminatório saber ou não usar o computador, garanto! Isso vai contar mais que a titulação ou experiência."

"O trabalho bem formatado por si só, tá impressionando mais do que o conteúdo".

- **Paradoxo: usam-se os meios eletrônicos, mas não em toda sua extensão e intensidade:**

"A inovação não é um acontecimento isolado, mas o resultado de um processo complexo, com elevado nível de incertezas."(trecho desta dissertação).

"uso o computador, só para formatar meus textos."

"Uso o computador, só para enviar o diário on-line."

"Uso como máquina de escrever."

- **Sentimento de alteração da noção de tempo com o uso do computador.**

"A separação entre tempo e espaço e sua formação em diversas dimensões padronizadas, vazias, penetram as conexões entre a atividade social e seus 'encaixes' na particularidade dos contextos de presença." (Giddens, 1991, p.28).

"Sempre acho que o computador demora muito a ligar e que está lento, nas respostas."

"Fico com a sensação de que há muito mais a fazer, mais informações a assimilar do que horas disponíveis."

"Aquele ampulheta dos programas, tem hora que me dá agonia ficar esperando."

"Quem pensa que vai ser rápido usar o computador se engana."

- **Aspectos psicológicos expressos no corpo.**

"O trabalho é encarnado, ou seja, a significação atravessa o corpo mesmo do trabalhador. Para a psicanálise, o corpo não é somente um corpo biológico, é também um corpo emocional, psíquico e dramatizado".(trecho dessa dissertação)

"Sinto dores nas costas."

"Minhas vistas cansam."

"Me dá dores de cabeça"

"Me dá tontura."

- **Sentimento de prazer com um novo conceito de lazer e de tempo livre começa a se formar**

"As novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a

natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem."

(Postman, 1994, p.29).

"Gosto de ficar em casa para jogar no computador."

"Gosto de navegar pelas salas de bate-papo."

"Fico horas me divertindo na internet."

"Quando tenho um tempo livre, corro pra internet, até pra namorar".

- **Sentimento de afiliação: companhia sem demanda de uma amizade.**

**O computador interativo e reativo.**

"A mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica."

(Postman, 1994, p.27).

"Entro na internet para fazer amizade. O bom é que não se tem compromisso, você sai quando quer, fala até palavrão se quiser, e volta quando bem entender, os amigos estão sempre lá."

"Quando não tem coisa melhor pra fazer faço contato com pessoas na internet."

"Às vezes sonho, como naqueles filmes de ficção, que entrei na rede. Doideira, né? É bem dentro dele, é legal."

- **Identificação: o computador como um objeto na fronteira do eu e do não-eu.**

"O trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito". (Dejours, 1994, p.46).

"O legal é que a gente pode ser bicho ou gente, ter o nome que der vontade, a idade e até o sexo."

"Acho bom brincar de ser outra pessoa. É um carnaval!"

"Gosto de navegar pelo *cyberespaço*. Me sentir virtual."

- **A obsessão digital**

"O trabalho não é sempre patogênico, ele tem, ao contrário, um poder "estruturante" em face tanto da saúde mental, como da saúde física." (Dejours, 1994, p.46).

"O computador é um grande sedutor."

"O computador me hipnotiza."

"O danado tem tanta força que me agarra."

"Gosto de sentir que posso comanda-lo."

"Tenho uma afinidade com ele, perco a medida das horas que passo diante do micro".

- **O computador percebido como projeção do eu, personalizado.**

"Uma tecnologia nova não acrescenta nem subtrai coisa alguma. Ela muda tudo."  
(Postman, 1994, p.27).

"Às vezes ele cisma de não fazer as minhas coisas."

"Fico até com vergonha dele quando faço minhas asneiras."



"Tenho a maior afinidade com a máquina, ela e eu parecemos uma só pessoa."

"Ele é modernidade. Sinto-me moderna usando o computador".

"É uma máquina que falha... às vezes sofro desse impasse, porque ele é falível".

"Com-puta-a-dor... é a gente computa a dor no computador".

- **A virtualidade vivenciada no computador**

"O homem vive e convive com o virtual ontologicamente, e seu eu se encaixa e se desencaixa na montagem dos múltiplos papéis e funções por ele desempenhados" (texto desta dissertação).

"Não vejo diferença entre o texto que eu salvo e no papel. Sinto que é real no computador, tanto quanto no papel".

"Ficava achando que o meu texto iria sumir, quando desaparecia de minha visão".

- **"Trabalho de elaboração do luto" e uso do computador:**

"... por vezes de forma sutil, por vezes de forma grotesca, ora com prazer, ora com sofrimento e perplexidade vai-se se engedrando a extensa trama hipertextual da condição humana e as tecnologias."

"Computador, com muita dor.. sinto saudade dos velhos tempos sem ele. Mas, sei que ele veio pra ficar."

"Bom era quando a secretária ou datilógrafa fazia tudo".

"Estou tentando me adaptar, só uso o necessário. Não tenho o menor prazer em usá-lo".

" Ainda estou " impedida" de gostar dele, uso como máquina de escrever".

"Eu dou pau nele e ele entra na linha."

"Eu engano ele quando ele não quer fazer as coisas que mando."

Assim, o computador se assemelha ao Teste projetivo de *Rorschach*, no qual as manchas de tinta sugerem muitas formas, mas não se comprometem com nenhuma. Cabendo aos sujeitos fazer com que o legado de sua própria história cultura e personalidade, sejam causa do que apercebem em suas epistemes.

Após categorizar-se os resultados da pesquisa conforme se vê nas frases apontadas acima, agrupou-se estes aspectos psicológicos na *bipolaridade paradoxal - sofrimento e prazer*, através da análise dos processos psíquicos mobilizados pelo confronto do sujeito com a realidade do trabalho. Tomando-se como centro de gravidade os conflitos que surgiram do encontro dos sujeitos da pesquisa, portadores de uma estória singular, preexistente a este encontro e uma situação de trabalho cujas características são, em grande parte, fixadas independentemente da vontade desses sujeitos. Como idéia central de análise, tem-se que, o sofrimento e o prazer são em suas origens, provenientes de uma relação específica com o inconsciente. Ao falar do aspecto emocional, queremos nos referir a um ego-compartilhado que espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo como a si mesmo como parte integral de um processo.

### Quadro 12- Frases indicativas de sofrimento no uso do computador

<b>SOFRIMENTO</b>
"Considero uma imposição o uso do computador."
"É o domínio tecnológico impositivo."
"Utilizo porque preciso, não gosto muito."
"Com-puta-dor ... com muita dor."
"Fico com muita raiva quando ele trava."
"Me dá ansiedade."
"Fico frustrado quando ele falha."
"Me dá dores no corpo."
"Acho maçante, chato mesmo."
"Fico nervoso, às vezes acho um saco."
"Fico tonta lendo na tela do computador."
"Minhas vistas embaçam. Só uso o necessário."
"Aumentou o meu trabalho, diminuiu meu lazer."
"Sinto dores no pescoço e nos braços, só uso o computador o necessário."
"Fico danado da vida quando ele pega vírus."
"Fico preocupado com o uso da tecnologia na escola"
" Minha auto-estima fica abalada diante dele".
"Tenho insatisfação quando quero fazer algo e não consigo."

- **Quadro 13 - Frases indicativas de prazer no uso do computador.**

<b>PRAZER</b>
"Sou absolutamente encantado com o computador."
"Tenho muita satisfação no uso do computador."
"Acho que é moderno, que é bacana, aí eu fico me achando moderna também."
"Gosto, ele agiliza o meu trabalho."
"Permite maior fluxo, fluidez de idéias."
"Não preciso ir ao banco devido ao sistema de comunicação."
"Uai! Muita facilidade de escrever, imprimir e editar textos. Super prático."
"Diminui horas de trabalho pois é ágil e eficaz."
"Me permite acesso à informação globalizada. Isso é bom e importante".
O computador me hipnotiza, é bom demais."
"No tempo livre serve como divertimento, distração."
"O computador me ajuda, dá facilidade de desenvolver trabalhos escolares."
"Me preocupo com a globalização. Quero estar ligado no computador."
"Acho positivo como material para buscar informação.Tenho satisfação."
"Tenho muita curiosidade e gosto de descobrir coisas na internet."
"O computador agrada a todas as tribos".
" Tenho afinidade com a máquina".
"Me divirto na internet e nos chats de bate-papo."

### 3.3 - Conclusão

Este é o capítulo em que efetivamente são apresentados os resultados estatísticos da pesquisa. Foi utilizada a teoria das Representações sociais para leitura dos dados aferidos e a Técnica da Escolha Sucessiva por Blocos para se identificar as palavras descritoras no discurso dos vários sujeitos. A estes sujeitos aplicou-se um questionário semi-direcionado, a partir do qual foram construídas as tabelas. Foram utilizados os gráficos em colunas simples quando se desejava a leitura de um ou outro grupo de sujeitos separadamente (alunos ou professores) e quando a interpretação deveria ser comparativa entre os dois grupos, o modelo adotado foi o dos diagramas com colunas justapostas.

Os aspectos psicológicos mais expressivo para os dois grupos denotaram: resistência ao uso do computador, sentimentos de não se estar sendo valorizando adequadamente a formação acadêmica e sim à tecnologia, sensação de disponibilidade quase que permanente em face ao empregador, alteração da noção de tempo, sintomas físicos de expressão de desagrado, o computador visto como personagem interativa e reativa; identificação e personalização do computador e também como projeção do eu. Trabalho de "elaboração do luto" pelos tempos idos. A virtualidade vivenciada no computador como: fronteira do eu e do não-eu.

A comparação entre os grupos evidenciou algumas diferenças e semelhanças. Entre as diferenças: o grupo de alunos, encara o uso do computador como de maior necessidade (5,0) do que os professores (4,0);

maior curiosidade (4,2) do que os professores (2,5); e semelhanças quanto a satisfação, interesse, lazer, agilidade e informação. E apresentam igual afinidade (3,1) no uso do computador. A bipolaridade paradoxal *sofrimento e prazer*, evidenciou-se através da análise dos processos psíquicos mobilizados pelo confronto dos sujeitos com a realidade do trabalho. Como idéia central de análise tem-se que, o sofrimento e o prazer são em suas origens provenientes de uma relação específica com o inconsciente. Ansiedade, raiva, frustração, nervosismo, insatisfação e dores no corpo, foram sintomas do sofrimento psíquico, e em todos estes itens, os professores apresentaram maior pontuação que a do grupo de alunos. O computador aparece como mediador entre a emoção, (subjetivo) e o campo social, se assemelhando ao Teste Projetivo de Rorschach, no qual as manchas de tinta sugerem muitas formas, mas não se comprometem com nenhuma. Cabendo aos sujeitos fazer com que o legado de sua própria história cultural e personalidade, sejam causa do que apercebem em suas epistemes. O processo de desencaixe, provocando reordenação e ordenação reflexivas das idéias, objetos e conceitos criados pelo uso do computador, perpassou todos os discursos.

Paradoxos no uso do computador salientaram-se numericamente e na análise projetiva. O computador como editor de texto e meio de comunicação (internet) é bem visto. Lamentam o aumento de trabalho,- alunos (2,0 e professores 2,3) . O lazer aparece com expressiva quantificação e pouca diferença entre o grupo de professores (3,5) e grupo de alunos (3,6).

## **CAPÍTULO 4**

### **CONCLUSÕES**

"O homem é um jogado no mundo, condenado a viver a sua existência. Por ser existencial, tem que interpretar a si e ao mundo em que vive, atribuindo-lhes significações. Cria intelectualmente representações significativas da realidade. A essas representações chamamos conhecimento" (Köche, 1997, p.23).

#### **4.1 - Considerações finais**

**Quais os aspectos psicológicos e os paradoxos que envolvem as práticas dos usuários do computador do curso de Psicologia do UNP?**

Esta pesquisa corrobora o uso do computador como um mediador entre inconsciente e campo social e entre ordem singular e ordem coletiva. A via de acesso à vivência subjetiva e intersubjetiva do uso do computador foi expressa pela palavra dos professores e alunos. O uso do computador revelou-se nesta pesquisa como um percurso, no qual os sujeitos da pesquisa agenciaram suas emoções, dando sentido ao prazer e à dor.

No empenho de responder as questões propostas no início desse trabalho, foram feitas análises fundadas na linguagem dos discursos dos sujeitos da pesquisa. Linguagem entendida neste trabalho como metáfora, no

sentido que não só *armazena* como *transporta* ou *traduz* a experiência de um modo para outro. As representações do uso do computador, como conjuntos sócio-cognitivos, e seus mecanismos de intercepção nas práticas sociais apresentaram-se nas sucessivas análises e mostraram que o uso do computador está de forma dramática provocando momentos cruciais na história do UNP - Unicentro Newton Paiva - por modificar hábitos, modos de pensar, maneiras de agir, reagir e sentir, dos atores sociais. O uso do computador trouxe inovações, desencaixes e evidenciou sobretudo, a trama de relações - paradoxais e psicológicas - que envolvem sua difusão e uso.

Resistência ao uso das novas tecnologias encontra-se presente no grupo de Professores, como sintoma de uma nova inquietude: da mistificação da falsa autonomia das técnicas. Sente-se a tensão, o *mal-estar*, consequência da ruptura, dos desencaixes, provocados pelo uso do computador. Não foram observados estes dados no grupo dos alunos.

Os alunos estão *mais* motivados e acham *mais* importante o uso do computador como ferramenta indispensável ao trabalho futuro e atual fonte de pesquisa e comunicação extra-muros.

Os professores usam a ferramenta como uma máquina de escrever sofisticada para formatar textos e para preencherem o diário *on line*, do Unicentro Newton Paiva, que se apresenta na forma de um formulário eletrônico, em uma tela pré-programada. O computador aparece, ora como uma ferramenta individual de trabalho para formatar textos, ora para eventuais pesquisas e comunicação extra-muros. O computador não está sendo usado



como recurso didático dentro da sala de aula. Também não se constatou seu uso como meio de pesquisa de explícita solicitação acadêmica, o que fica caracterizado pelas respostas abaixo dadas por professores, á pergunta de número 2 do anexo A, :

"Não tenho indicado explicitamente pesquisas na internet".

"Uso a internet só para enviar e receber e-mail".

"Uso o computador para digitar meus textos de mestrado".

"uso o computador para elaborar meus textos e fazer pesquisa para mim".

"Não tenho solicitado pesquisas através da internet. Faz quem quer";

"Necessidade profissional, já que é uma exigência do mercado de trabalho..."

"Necessidade de conservar o meu emprego, por isto tenho que usa-lo".

"Preciso para bater os meus textos e digitar as notas do diário *on line*".

"Por causa do Mestrado, fui obrigado a usar o computador".

As condições ambientais podem estar influenciando o uso efetivo do computador em sala de aula, pois no Campus onde funciona o curso de Psicologia encontram-se à disposição de professores e alunos apenas dois aparelhos multimídia para atender a toda a comunidade acadêmica e o uso do laboratório de informática por alunos de todos os cursos é sempre precedido pela necessidade de reserva de vaga com antecedência.

Conforme resultados apresentados na Figura 5 (p.78), através do gráfico 5 - Comparação entre grupos de alunos e professores com escore  $\geq 3$  e na Figura 6, (p.80) - através do gráfico 6 - Comparação entre grupos de alunos e professores-, os alunos apresentam mais Necessidade, e têm mais Curiosidade no uso do computador, que os professores.

Os alunos, em maior número que os professores, acreditam que o computador Agiliza e Diminui o Trabalho. Também em maior número usam o computador como meio de Comunicação e Lazer.

Curiosamente a diferença na Satisfação no uso do computador entre professores e alunos é de apenas 0,1; paradoxo que se estabelece, pois os professores apresentam maior número de queixas quanto a Ansiedade, Dores no Corpo, Aumenta Trabalho e Nervoso, além de se preocuparem com o uso da tecnologia na educação: "Não concordo com a imposição tecnológica"... "É o domínio tecnológico impositivo", "Já tive uma resistência danada"...

Os professores acham o computador prático e reconhecem que otimiza o trabalho, em maior número que os alunos, mas têm menos curiosidade que os alunos e acham que o seu trabalho aumentou com o uso do computador, sentem-se um pouco menos satisfeitos que os alunos. O clima na UNP é de inquietação, e de expectativas ansiosas entre os professores.

As mudanças da ordem "natural" das coisas e suas dramáticas conseqüências emocionais, ao desaparecer o sentimento confortável de segurança, de status social, e uma nova ordem se impor, tem sido origem de tensão e stresse. A sensação de viver-se um processo de unificação

da humanidade num *tecnocosmo* como *habitat*, revelou-se como a *grande narrativa* para alunos e professores.

Na amostra estudada, esta pesquisa confirma:

- ⇒ A especificidade da relação entre sofrimento psíquico e organização do trabalho.
- ⇒ Que a construção do sentido do uso do computador faz-se necessária, para justificar, e *perlaborar* o sofrimento psíquico.
- ⇒ Professores temem as políticas de uso do computador e o tecnopólio e que os alunos já transformaram a *necessidade* do uso do computador em *senso comum*.
- ⇒ Sensação de viver-se um processo de unificação da humanidade num *tecnocosmo* como *habitat*, como a *grande narrativa* para alunos e professores
- ⇒ As mudanças culturais provocaram mudanças emocionais.

## **4.2 - Recomendações**

Essas múltiplas transformações, consequência da introdução das novas mídias na sociedade, requerem estudos especiais com maior profundidade. Recomenda-se, para efeito de enriquecimento do tema estudado, a elaboração de outras pesquisas tais como:

- Analisar os aspectos psicológicos que permeiam as práticas dos usuários de computador, alunos e professores, de outros cursos do UNP, o que poderá

validar os dados dessa pesquisa e a comparação entre vários seguimentos poderá levar a novos e frutíferos entendimentos sistêmicos.

- Elucidar as complexidades das condutas singulares nas construções coletivas reveladoras da organização real do trabalho e do potencial humano, na construção do conhecimento, difusão e uso do computador.
- Alavancar ações preventivas e corretivas que evitem bloqueios emocionais e sofrimentos psíquicos inúteis, na implantação das novas tecnologias.
- Aferir fatores psicológicos e paradoxais no uso das novas tecnologias, a fim de desenvolver a consciência da emoção dos sistemas autopoieticos.
- Garantir um elevado percentual de sucesso na implantação de projetos de tele-trabalho e possibilitar estratégias de introdução e gerenciamento das novas tecnologias, preservando a ecologia humana.
- Otimizar vantagens e minimizar desvantagens no uso das novas tecnologias de forma conseqüente do ponto de vista psicopedagógico .
- Criar novas abordagens didáticas e metodológicas do uso do computador, que contemplem o viés psicopedagógico.
- Desvelar o estado da arte, e aferir a higidez psíquica e o clima nos grupos através dos aspectos psicológicos e paradoxais enredados na trama do tecido emocional.

- Sugere-se que se pesquisem questões que ficaram evidentes neste trabalho: a presença de sofrimento e prazer na relação do uso do computador, como indicadores de ações para novas práxis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRIC, J.C. **L'artisan et l'artisanat: analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale.** France: Bulletin de Psychologie, tome XXXVII, 1984.
2. \_\_\_\_\_ **Pratiques Sociales et Représentations.** Paris: Presses Universitaires de France, 1994
3. AFONSO, Carlos. **Teletrabalho, um caso exemplar.** Revista Semana Informática. Lisboa-PT, 1998.
4. ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa.** SP: Saraiva, 37ª edição, 1992.
5. ANZIEU, Didier. **Os Métodos Projetivos.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1978.
6. ARETIO, L. Garcia. **Educación à distância Hoy.** Madrid, 1994.
7. Artz, Tim; **Technologies for Enabling Telecommuting.**
8. AUGRAS, Monique. **A Dimensão Simbólica.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
9. BABIN, P. e KOULOUMDJIAN, Marie-France, **Os novos modos de compreender a geração do áudio visual de computador.** Tradução Maria Cecília O. Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

10. **BARCIA e VIANNEY, J. Pós-graduação à Distância - A construção de um modelo brasileiro. Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. Brasília: ano 16, n. ° 23, nov. 1998.**
11. **BENAKOUCHE, Tâmara. Tecnologia é Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. Trabalho de Pós-doutoramento, na Universidade da Califórnia, Berkeley, 1998.**
12. **CAETANO & VALA. Psicologia Social das Organizações: Estudos em Empresas Portuguesas. Celta Editora. Oeiras: 1995.**
13. **CARMO, Germano Duarte de Almeida, Ensino Superior à Distância. Volume II: Modelos Ibéricos. Tese de Doutorado em Ciências da Educação. Universidade Aberta. Lisboa, 1997.**
14. **CASTELLS, M. The rise of the network Society. Malden Blackwell , 1996.**
15. **CASTILLO, J. Para um desenho conjunto das transformações produtivas. Análise Social. Vol. XXXV, p.105-106, 1990.**
16. **CASTRO, Cláudio de Moura, O custo da incivilidade. Revista Veja, 6 de outubro de 1999.**
17. **CHABERT, Catherine, Psychanalyse et Méthodes Projetives. Paris: Dunod. 1998.**
18. **CHILD, J. Organization: a guide to problem and practice. London: Cromhelm. 1986.**
19. **COHEN, David. A empresa do Novo Milênio: O Novo Líder. Revista Exame. Edição 706, Ano 34 - n 2 - 26/ janeiro/ 2000.**
20. **COSTA, A Pereira. Análise de dados nas representações sociais. Análise psicológica. XV nº. 1, jan. mar. 1997 p.p. 49-62.**
21. **COSTA, Maria das Graças Pereira. A Representação Social do uso de Computadores por rapazes e moças da Escola Fundamental Pública**

- de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional.- Projeto Brasil/Mercosul. Lisboa, Portugal, 1999.
22. DE MASI, Domenico. **A Emoção e a Regra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
23. DEJOURS, Christopher, ABDOUCHELI, Elisabeth, JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuição da escola dejouriana à análise da relação, prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
24. DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**. SP: Cortez, 1992. 168p.
25. \_\_\_\_\_ **O Corpo entre a Biologia e a Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, 183 p.
26. \_\_\_\_\_ **O Fator Humano**. Rio de Janeiro: FGV, 1997, 101 p.
27. \_\_\_\_\_ **Psicodinâmica do trabalho**. SP: Atlas, 1994, 145 p.
28. DEMO, Pedro. **Questões para a Teleducação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 388p.
29. DREW, S. A. W. A gestão estratégica de inovação no setor de serviços financeiros: um estudo empírico. **Comportamento organizacional e gestão**. Lisboa, 1998 vol. 4, nº. 2, p 217-240.
30. DRUCKER, Peter F. **O Gerente Eficaz**. Rio de Janeiro: Zaar Editores, 1974. 184p.
31. FOUCAULT, M , **Politics, Philosophy, Culture**. NY Routledge, 1988.
32. FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
33. GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.
34. GOLDMAN, S.; NAGEL, R; PREISS, K. Agile Competitors. **Concorrência e Organizações Virtuais**. São Paulo, Érica, 1995.
35. GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

36. GRACIANO, Miriam Monteiro de Castro. **A Teoria Biológica de Humberto Maturana e sua Repercussão Filosófica**. Dissertação de Mestrado UFMG, BH, 1997.
37. GRINSPUN, Miriam. **Educação Tecnologia**. Desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999. 221 p.
38. GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: Veredas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, 571p.
39. GUARESCHI, Pedrinho (org) **Textos em representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, 324 p.
40. Harvey, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
41. HAYAKAWA, S. I. **A linguagem no pensamento e na ação**. Trad. Olívia Krähenbühl. SP. Pioneira, 1972.
42. JODELET, D. **Folies et représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
43. JOVCHELOVITCH, Sandra et al. **Representando a alteridade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
44. JUNIOR, Benilton Bezerra. **Grupos: Cultura Psicológica e Psicanálise**. 1994.
45. KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
46. KUGELMASS, J. **Telecommuting: A managers guide to flexible work arrangements**. New York, NY: Lexington Books: 1995.
47. LANDIM, Cláudia. **Educação à distância - Algumas Considerações**. Florianópolis, 1997. Artigo para o Curso de Mestrado - Mídia e Conhecimento - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. UFSC, 1997.



48. LANGER, K. S. **Philosophy in a New Key**. N.Y. : 1942
49. LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
50. LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
51. LEVY, André. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Petrópolis: Vozes, 1993. P.
52. LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio, ed. 34, 1996, p.
53. LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
54. MACHADO, Lucília de S. **Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 169-188.
55. MARTIN, J. **Cybercorp. The New Business Revolution**. Nova York: Anacom, 1996.
56. MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 350p.
57. MATURANA, Humberto. **Emoção e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte - Editora UFMG. , 1998. 98p.
58. MATURANA, Humberto. **Neurociencia y cognición. Biología de lo psíquico**. In: PRIMER SIMPOSIO SOBRE COGNICIÓN, LENGUAJE Y CULTURA: DIÁLOGO TRANSDICCIPLINARIO EN CIENCIAS COGNITIVAS. 1991 Santiago de Chile. P.39-56, 1991.
59. MENDES, Fernando. **Teletrabalho e suas implicações**. ENI, 1996.
60. MICAELIS **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

61. Moliner, P. Isa. **L'induction par scénario ambigü - Une méthode pour l'étude des représentations sociales.** *Révue internationale de psychologie sociale*, 2, 1993, 7-21.
62. MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Petrópolis: Zahar, 1978.
63. NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
64. OLIVEIRA, Ramon. **Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aulas [s.d].** Campinas: Papyrus.
65. OUCHI, William. **Teoria Z.** São Paulo, 1981.
66. PIAGET, J. **A Epistemologia Genética.** Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
67. POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: A rendição da cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel, 1994.
68. PRETI, Oreste. **Educação à distância.** Cuiabá: UFMT, 1996.
69. PSICOLOGIA SOCIAL, **Textos em Representações Sociais.** Pedrinho Guareschi; Sandra Jovchelovitch. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 31-55; 117-143.
70. ROGNES, Jon. **Paradoxes and Some Unexpected Consequences in Telecommuting.** *Proceedings of the Telecommuting'96*, Jacksonville.
71. RORSCHACH, Hermann. **Psicodiagnóstico.** Métodos e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção (interpretação de formas fortuitas). São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.
72. SÁ, Celso P. **Núcleo Central das Representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.
73. SARTRE, Jean Paul. **A imaginação.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
74. SENGE, Peter. **A Quinta disciplina.** São Paulo: Best Seller, 1998. 441 p.

75. SHWARZ, Francisco. **A Tradição e as Vias do Conhecimento**. SP. Nova Acrópole. [s.d.].
76. SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano**. SP.: Brasiliense, 1995, 311 p.
77. STEIL, Andrea V, **Aspectos estruturais das organizações virtuais**. Material didático do Mestrado em Mídia e Conhecimento - UFSC. Florianópolis, 1999.
78. \_\_\_\_\_, Um modelo para análise da prontidão organizacional para implantação do teletrabalho. **Revista de Administração da USP**, 1999.
79. TELL, Pon; GRAY, Paul; MARKUS, Lyanne; WESTFALL, R. D. **The Demand for Telecommuting**. Proceedings of the Telecommuting'96, Jacksonville.
80. TROPE, Alberto; **Organização Virtual: Impactos do Teletrabalho nas Organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.
81. TRUC, Gonzag. **História da Filosofia**. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.
82. TURKLE, Sherry. **Life on the Screen. Identify in the age of the Internet** touchstone Book. New York: Touchstone, 1995.
83. VALA & MONTEIRO. **Intergroup Conflict in and organizational context**. Haya: N.Nijhoff. 1995. p.351-361
84. VALA, J. Sobre as representações sociais para uma epistemologia do senso comum. **Cadernos de ciências sociais**. 1986, nº 4 p.p. 5 -19.
85. VERNAT, J. **O indivíduo da cidade**. In: Veyne et alli, **Indivíduo e poder**, Lisboa: Edições 70, 1988.
86. VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
87. <http://www.api.pt/eni96/encontro.net/papers/com-14.htm>

88. <http://www.cba.uga.edu/management/rwatson/tc96/proceedings.html>

89. <http://www.cba.uga.edu/management/rwatson/tc96/proceedings.html>

90. <http://www.cba.uga.edu/tc96/papers/artz/artz/toc.htm>

## **ANEXO A**

### **Questionário semi-estruturado:**

1. O que levou você a aprender a usar o computador?
2. Em que ocasiões você usa o computador? (No trabalho, em casa, na Faculdade, no lazer).
3. Como você se sente usando o computador?
4. Quais são os sentimentos que lhe ocorrem ao ouvir a palavra computador?
5. Você tem algum sentimento de satisfação no uso do computador? Qual?
6. Quais os prejuízos que o uso do computador trouxe para você?
7. Quais os benefícios que o uso do computador trouxe para você?
8. Você tem algum sentimento de insatisfação no uso do computador? Qual?
9. Qual o efeito do uso do computador em sua carga de trabalho?
10. Qual o efeito do uso do computador em seu tempo de trabalho?
11. Qual o efeito do uso do computador em seu tempo livre?

12. Qual o efeito do uso do computador em seu corpo?

**ANEXO B**

**AFINIDADE**

**AGILIDADE**

**ANSIEDADE**

**AUMENTO DE TRABALHO**

**COMUNICAÇÃO**

**CURIOSIDADE**

**DIMINUI TRABALHO**

**DORES NO CORPO**

**FRUSTAÇÃO**

**INFORMAÇÃO**

**INSATISFAÇÃO**

**INTERESSE**

**LAZER**

**MAÇANTE**

**NECESSIDADE**

**NERVOSO**

**OTIMIZA O TRABALHO**

**PRÁTICO**

**RAIVA**

**SATISFAÇÃO**